JORNAL DAS MODAS

Anno III - N. 41

15 - Janeiro 1916

400 rs.

Mlle. Haydée Hor Meyll

Instituto de Belleza

Em todos os tempos a belleza da mulher tem sido objecto do mais fervoroso culto, preoccupando artistas e poetas, os homens de genio, todos os espiritos fortes e creadores.

E como é em torno do encanto feminino que gyram as generosas preoccupações do homem, procurou-se sempre concorrer para que, dia a dia, se aperfeiçoasse tudo quanto concorre para conservar a formosura da mulher.

Nos Estados Unidos essa preoccupação tem produzido os mais admiraveis resultados.

Encontram-se, alli, cremes, processos electricos que, por assim dizer, eternisam a belleza feminina.

Brevemente, Mme. Georgette, senhora norte-americana, esposa de um importante commerciante da nossa praça, abrirá na Rua do Ouvidor, em magnifico predio confortavel, o seu **INSTITUTO DE BELLEZA**, onde as senhoras cariocas encontrarão tudo que é necessario para conservar-lhes a formosura.

A conservação da pelle do rosto, com o seu delicado colorido; o aformoseamento do cabello; a extracção de pellos que muitas vezes afeiam o rosto feminino; os meios de eliminar as rugas que, não raro, são a velhice precoce por falta de tratamento da epiderme; os cremes que tonificam a tez; — tudo estará ao alcance das senhoras cariocas no **INSTITUTO DE BELLEZA** de

Mme. Georgette

Por ora, esta Senhora Norte-Americana trabalha em sua residencia á Rua Carvalho Monteiro, 55 - TELEPHONE 3617 CENTRAL

Agencia Brasileira ❁

Venda avulsa dos principaes jornaes e revistas do Rio, S. Paulo, Bello-Horizonte, etc.

Romances, figurinos, etc. — **Euclydes L. dos Santos**

Januaria Minas

INDICADOR MEDICO

MEDICOS

Dr. Mourillo Modesto de Mello — Molestias dos olhos. — Cons. R. Rodrigo Silva, 6—Das 3 ás 5 horas - Teleph. 2052 c.

Dr. Alcantara Gomes — Molestias Microbianas — R. Rodrigo Silva, 6—Teleph. 2052 cent.

Dr. Lafayete Rodrigues Pereira — Molestias das Senhoras e Crianças — Rua S. José, 86.

Dr. Raul Martin Bastos — Medico da Assistencia Publica.

Casa Fourcade

Ultima confecção da Casa Fourcade em beje, branco e cinza 32$000

Fourcade & Amarante

74-r. Uruguayana-74

Tel. 1040-central

A vossa sorte está na

Casa Gaúcho

AGENCIA DE LOTERIAS

Amaral & Costa

Caixa do Correio n. 481
Telephone, 5470 central

Rua Rodrigo Silva n. 6

RIO DE JANEIRO

AO INVENCIVEL BARATEIRO Sem Rival

CASA BOA ESPERANÇA
Rua Visconde Sapucahy, 336 e 340

Perfumarias legitimas estrangeiras

Talco americano, pó de arroz	2$000
Talco americano, pó de arroz	1$500
Pó de arroz, Azuréa, caixa..	3$200
Dito Odalis, caixa..........	1$000
Dito Fleuramye, caixa......	3$200
Dito Pompéa, caixa.........	3$400
Dito Tréfle, caixa...........	3$200
Dito Bouquet d'Amour, caixa	3$200
Dito Peau d'Espagne.......	3$100
Dito Java, caixa............	1$800
Duzia sabonetes domesticos.	1$000

Sortimento completo de todas as perfumarias finas, dos mais afamados fabricantes estrangeiros.

Roupas brancas para senhoras e senhoritas

Camisas, bom morim........	1$000
Camisas melhores, 1$500 e..	1$200

Camisas mais enfeitadas	2$000	Camisas finissimas, 8$ e	7$000
Camisas francezas, 3$ e	2$500	Saias muito enfeitadas.	3$500
Camisas mias finas, 4$ e	3$500	Saias muito bonitas, sortimento.	
Camisas mais sups., 5$ e	4$500	Calças ricamente enfeitadas.	

Morins cretonnes

Morim Joffre, peça.....	1$800	Dito Delmira, suq. 20 ms.	14$000
Morim Belga, peça.....	2$000	Dito Irlanda, meio linho.	17$000
Morim Batuta, peça....	3$800	Cretonne, para solteiro.	1$500
Dito Bôa Esperança.....	3$000	Cretonne pr. casal, 2 ms.	2$000
Dito Bôa Esper., 20 ms.	9$000	Lençóes para solteiros.	2$000
Dito Presidente, 20 ms.	10$500	Lençóes para casados..	4$000
Dito Madapolan, 22 ms.	19$500	Linho branco enfestado	2$000
Dito Elvira, cam., 20 ms.	15$000		

Voile religieuse, multo fino, de todas as côres modernas a...	$800
Voile religieuse, enfestads, todas as côres modernas, 2$000.	1$800
Linho branco e de todas as côres para vestidos, 1$000......	$800
Fino setim royal, muito brilhante, todas as côres, 1$200 e..	1$000
Gaze chiffon, a que ha de superior, todas as côres a.........	4$200
Córtes de linho branco para vestidos, todas as côres, 4$500 e	3$500
Córtes de vestidos, fustão de cordão, todas as côres........	4$500
Córtes de vestido, tecido fantazia, alto relevo............	4$500
Filó inglez para cortinado de camas, metro............	3$000
Filó superior marca JOFFRE, paıa camas de casal, largo.....	5$000

Notem Bem!!! A casa **Boa Esperança** tem 9 portas, e acha-se exposta numa das suas monumentaes vitrines uma bella estatueta egypciana, unica neste genero que existe no Rio de Janeiro, e para a qual chamamos a attenção dos admiradores da arte

Casa de Colletes

M.ME SÁRA

Acceita-se encommendas de colletes sob medida.

Vendas a prestações e a dinheiro

Attende-se a chamados pelo Telephone 3462 Norte

Rua Visconde de Itauna, 145

— PRAÇA 11 DE JUNHO —

RIO DE JANEIRO

Figurinos, moldes, jornaes de modas e revistas nacionaes e estrangeiras encontram-se á venda na Agencia de Publicações de **Braz Lauria** ✱

Rua Gonçalves Dias, 78 ✱ Teleph. 1968 - Norte

Suprema resolução

E' teu destino. Vamos!
Cumpra-se a lei desse irremediavel
Que nos opprime;
Contra que blasphemamos,
Por vêr-se um crime
Nisso que sabe a fel e a doçura ineffavel.

Tens medo, fica,
E fecha tua porta.
Olha em torno a paisagem. Como é rica
De tons! A natureza morta
Sómente a tua indecisão explica.
Mas esta, que é vivaz, ao grande amor transporta.

Não sei que dizes.
Ficas ahi para um canto
A scismar que nós somos infelizes
Por nos amarmos tanto.
Ah! com certeza, filha, sem suppores
Que ventura é soffrer por este mal de amores!

Amas, mas receias
Deste amor livre assim,
Amor do qual a creação poz cheias
As almas todas, cujo unico fim
Foi o mundo ordenar
Para este grande amor que liga par a par.

Que visão fagueira
Essa que os dias teus enche de sonhos
Da mais grata ventura!
Alvos botões de laranjeira
Cobrem-te a fronte, alvos risonhos,
Como o grande esplendor de tua formosura!

Em vez de altar
Onde vejas o Deus
Que te deu vida e que te fez amar,
Sómente os braços meus,
Muita ventura, toda a vida minha
Que, si a igreja repelle, este amor acarinha.

Que temor,
Que espantoso receio
Alma te assalta
Por esse grande amor
Que se agasalha no teu branco seio
Como a viva expressão de tua maior falta!

Mas tua hesitação
(Em teu olhar eu leio)
Da mente desce ao coração;
Faz-se receio,
Passa a paixão,
E nessa luta de tão grato enleio,
Emquanto amor prosegue, almas sorrindo estão.

Scismas? Pois bem,
Caminharei sosinho,
Disse-lhe a rir, do seu amor seguro,
Sem esse grato bem,
Longe de teu celestial carinho,
Como quem negros vê os dias do futuro.

Seguir comtigo espero
Nessa jornada
De mago amor feliz.
Mas queres tu que eu seja o pobre Ahasvero,
Sempre a seguir, longe da voz amada,
Que podia apontar-me a grata directriz!

Que alvoroço
Para minha alma, si ouço,
Nessa jornada, a voz
Que tem sido o phanal, o doce guia
Desta existencia, outr'ora tão sombria,
E que hoje anda a sorrir como um sonho entre nós.

Vamos! Oppõe um dique
Ao teu medo,
Para que tranquillo eu fique,
E bem cedo
Veja luzir essa manhã risonha,
Essa aurora idéal,
Que em nosso céo de amor pr'a sempre ponha
A nota côr de rosa e sã de um madrigal.

Anda, fala,
Pomba mansa e medrosa.
O céo já toma uns vagos tons de opala,
Decide-te, formosa,
Desfere o teu arrulho,
Pomba de amor!
A indecisão repousa em teu orgulho...
Não vives a dizer qne vaes para onde eu for?

Ah! não procures,
Flor, que o teu bardo,
Sem ti, encontre alhures,
Ao envez de flores, urzes e cardo.
Não queiras que eu supporte,
Com essa indecisão em que te abysmas,
Essa visão de morte,
Crueis desillusões, sonhos, funestas scismas.

Medita
Nessa vida encantada,
Na ternura sem termos, infinita
Com que tens sido amada.
Vamos, recorda
Essa feliz estancia
Que de almos sonhos nosso affecto borda,
Todo risos, candor; todo beijos, fragrancia!

Si eu parto,
Sem que tu vás commigo,
Si deixo o teu apêgo,
Pensarão com certeza que estou farto
De nosso amor antigo,
Quando, faltando tu, falta o socego,
Vem a loucura para meu castigo,
Si por ventura, flor, a esta tortura chego!

Tu és a soberana,
Por isso ordenas.
E's a senhora da fraqueza humana,
Mas forte em tuas penas,
Só a ti obedeço,
Sorrindo ao calmo e doce mando
De teu amor, e amando
Sempre mais, por menor que seja o teu apreço.

P'ra que fazer alarde
De amor assim,
Si póde ser que cedo ou tarde,
Tu te esqueças de mim?
Quaanta vez, quanta vez uma paixão immensa,
Não se reduz
A glacial indifferença
Mais pesada que o horror de uma pesada cruz?

Ao teu affecto recorro,
Como bem vês,
Não como ultimo soccorro,
Mas como amparo á minha insensatez
De querer-te ao meu lado
Nessa marcha da vida,
Como a grata visão do amor sonhado,
Da estrada a pecorrer a sombra appetecida.

Queres tu por acaso
Que eu parta sem os trophéos
Deste fervente amor em que me abraso,
Caminhando aos boléos
D'um descaso
Que o inferno lembra a quem já esteve junto aos céos?

Queres que esse flagicio,
Rude e tremendo,
Eu soffra, porque amor não me é propicio,
Só porque estás temendo,
Seguro indicio
De que em tua alma o amor se vae desvanecendo?

Mas não. E's boa.
Has de seguir tambem, é meu desejo.
Não quererás que eu arde á tôa.
Já de sobejo
Sabes que és tu a unica pessoa
Que, qual lyra do céo, em grato harpejo,
A vida embalando vaes,
De quem, por teu amor, pensa em não morrer mais.

Si vieres,
Livre e presa a meu braço,
O' tu, a mais amada das mulheres,
Ao brilho escasso,
Deste dia em declinio,
Que a ventura alma adosse
Deste meu coração que arde por tua posse!

Sorris. Que bello!
Luz de esperança,
A realisar o grato anhelo
Em que minha alma descança.
A esse riso tudo arrosta
O meu amor que anceia tanto
Pela ventura e pelo mago encanto
De um gesto que traduza a mais feliz resposta.

Tens medo ainda,
E que receias mais?
Este enlevo risonho não se finda,
Mesmo contra a vontade de teus paes.
Que o amor do porvir prescinda,
Antc a realisação de nossos idéaes.

Juras e mais juras,
Sonhos e mais sonhos,
E por visão de amor uma existencia inteira.
Céos, sem noites escuras
Nem dias enfadonhos!
Da casa junto á porta um pé de trepadeira.

Tal é a vida nossa
Até aqui.
Que o destino se insurja e que não possa.
Ligar-me a ti.
Mas emquanto em meu peito
Amor se contiver,
Embora desgraçado ou satisfeito,
Nelle não entrará amor de outra mulher.

Que fiques, pois,
Ou eu que te conduza,
P'ra vivermos os dois
Eu, como o teu poeta ao pé de minha musa,
Pouco importa.
Mas, viva ou morta,
Nesta senda de amor assim trilhada,
Com tanto afan,
Has de ser para sempre a minha amada,
Nos enlevos de esposa ou casto amor de irmã.

RICARDO BARBOSA.

EIS a Primavera! Cantemos a Primavera! O universo surge na Primavera, Na Primavera unem-se os amores, casam-se passaros, os arvores destrança as cabelleiras ás caricias fecundantes da chuva! A mãe dos amores, entrelaçando, á sombra da floresta, os ramos de myrtho, formará com elles os encantados berços de verdura. — CORNELIO GALLOS.

BOAS FESTAS

Tiveram a gentileza de enviar-nos votos de Boas-Festas e felicidades por motivo da entrada do Anno Novo, votos esses que agradecemos e, penhorados, retribuimos, as seguintes pessoas:

Mimosa Mundim, Adelia da Veiga Rodrigues, Feliciano Cruz e senhora, Alvaro L. Fernandes, Luiz Sperb, Angela Alves da Trindade, Amelia e João Napoli, Celsa Gonçalves Ribeiro, Alcinda e Olivinha Bayão, Belizario Machado, Fenelon Barbosa, Georgetta Sette, Helena Duarte Nogueira, Jarbas Alves de Souza, João Henrique de Britto, Edgard Chaves, Pedro e João Barbosa, Antonio Rodrigues Teixeira, M. Campos & C., A. Lemos, Almeida & Irmão, Julinha Pereira, José Pecego Sobrinho, Maria Eugenia da Fonseca (Eugeny), dr. Alipio Machado, Alberto Pereira, Amars Pereira e Adolpho Santiago, Rubina A. Silva, Maria Lamonier, Alcendina Guimarães, Aleiria Guimarães, Maria L. Ribeiro, Idibaldo Colombo, Francisco Corimboba, Thomires Colombo e Elverila Fontes.

A vida e a Morte

Ao Raul

Tudo tem fim neste mundo e, ao limite da vida, é que chamamos—morte.

Que é a vida?

Um conjunto de impossiveis...um captiveiro tentador.

E' como certos palacios que encerram em si um labyrintho tortuoso. Tudo se reduz a cinzas e se nelles rebuscares uma recordação, não lograrás uma scentelha de esperança...

A vida é sublime na apparencia e cruel na essencia. A par da alegria percorre a desventura, si temos um céo que sorri, vemos um mar que devora; gozamos a luz do dia mas lamentamos á escuridão da noite; para colhermos a rosa, cogitamos dos espinhos...

Segundo a escola da philosophia, o prazer é a ausencia da dor mas logo submergea felicidade e espreita a magua.

Contra os tenebrosos males, restam-nos apenas dois raios de luz e que se denominam: Fé e Esperança, Estas duas virtudes são como o amor e a amizade.

Perecem a Fé e o amor, mas resistem a Esperança e a amizade. Nada poderá afugentar a ingratidão, a saudade, o tédio emfim; são rochedos que se deixam occultar pelas ondas enganosas da vida para reapparecerem escarnecidos e crueis. A vida leva comsigo a esperança e liberta o homem do jugo peçonhento da sociedade, sepultando-o no sorvedouro da descrença, envolto em illusões resequidas e desfolhadas. Eis a morte...

Na solitaria cidade dos mortos onde repousam aquelles que tiveram a infelicidade de nascer, a morte esvoaça zombando delles e nivelando tudo atrozmente.

Para aquelles cuja existencia fôra constituida de andrajos repugnantes do peccado, a morte não é mais do que um reflexo de vida, um sopro de infortunio. E nesse abysmo que resvalam de queda em queda, peccados, vicios, crimes e demais miserias humanas.

A lei do mundo é soffrer...

Soffra pois, e succumba, oh desgraçada humanidade.

A vida é mesmo assim...

ZAIDA SILVA.

A quem eu amo

O meu coração correndo no mar do amor foi cahir, envolveram-o as vagas da amisade, e attrahido e preso ficou pelo teu bondoso coração.

Antonieta

A Lourenço Falcão

A saudade é a flor escolhida pelas almas desoladas, afim de adornar o tumulo onde repousam as ultimas illusões da vida. E uma luz pallida e esquiva, que illumina o o travoso caminho do passado, e um pesar suavissimo que nos consola o coração durante a ausencia de quem amamos é a nostalgia poetica das almas sonhadoras.

Maria M.

A' Edith

A saudade é a poesia mystica da vida, é o elo dourado que me prende a ti.

Jayme J. M.

Ao I. P. A. O.

A esperança nos ajuda a viver e soffrer resignados. Si elia não habitasse em meu coração, ha muito que tinha deixado de existir.

Lucy

Para o Vulmar C. P.

Vives commigo como se fosses a minha propria sombra. Sei, entretanto, que devo esquecer-te, porque assim me diz a consciencia e é este o meu dever. Não lastimo a dureza da minha sorte, porque possuo um coração, que se julga feliz com a felicidade dos outros!

Juiz de Fóra — Jurema

Para Julinho Moura

Si o amor que me tens é sincero, si não è simples e louca paixão, não negues ingrato, diz-me, sim ou não.

Estação do Meyer — Irene V. A.

Carmita L.

Assim como se prende o passaro para ouvir o seu mavioso canto, assim tu prendeste o meu coroção para ouvir o meu sentimento.

Barão de S. Garpia

Ao inesquecivel Ascanio Accioly Garcia

Sem ter por guia o brilho dos teus negros olhos, nunca poderei trilhar o caminho da felicidade.

Mary

Saudade! Triste florzinha que nos traz sempre a recordação d'uma pessoa que devotamos a mais pura amisade.

Esperança — virtude consoladora que se abriga nos corações que amam com sinceridade.

Tijuca — Serolod Tradu

A' J. F. S.

Esperança—és o balsamo que suavisa as maguas do nosso coração; és o raio brilhante, que illumina a estrada da nossa existencia.

Oh! fiel companheira!

E's santa, és boa, só offereces aos corações martyres os meios para mitigar a dor que os dilacera.

Hei de adorar-te até quando, no leito da morte, estiver prestes o meu espirito a separar-se do envolucro material para se alar á eternidade.

Villa Militar.

Adelaide Dourado.

A....

A esperança é a alma do coração triste e saudoso.

1—18—13—9—14—4—1

O amor começa por um olhar, segue num sorriso, e finda-se num beijo.

A....

Só o matrimonio póde fazer da paixão do amor uma virtude.

A esperança é a atmosphera indispensavel ao nosso organismo, sem ella não se vive, vegeta-se.

A' Thereza.

O coração é um vapor que navega num mar de esperanças embalando-se docemente nas ondas do amor...

11—10—915.

Dinarma.

A' Thereza

O amor é a flor do coração que murcha com as lagrimas do despreso.

Para Angelo Aquarony

O mais amargo dos soffrimentos é amar sem ser amado, é dar o coração a um ente tão ingrato, tão cruel que, além de não corresponder ao nosso amor, occulta o lugar para onde leva o nosso coração e a nossa sinceridade.

A. F.

Dedicado a alguem

Um sorriso teu

Um sorriso teu é o quanto basta para me fazer esquecer as amarguras que soffro.

Quantas vezes acho-me acabrunhado, pensativo e desanimado em proseguir a tarefa que me foi marcada por Deus, nessa longa estrada que se chama vida, e um só sorriso teu, nem desmanchar toda a minha imaginação, fazendo-me sonhar com uma unica felicidade que ambiciono e que só a posso conseguir ... não sei ... depende de ti.

Rio—Fortaleza de São João.

Paulo de Mattos.

A' M. Izabel Borges

Fé—ferverosa crença que temos quando aspiramos a realisação dos nossos sonhos doirados—Esperança,—doce e meiga companheira dos martirys, que procuram no seu manto o conforto necessario para os seus corações apoixonados—Caridade—protectora inseparavel dos desgraçados quando se lhes imploram a sua compaixão para minorar os soffrimentos causados pelo amor.

F. da Lage.

J. Maceió.

A' Guaraciaba d'Oliveira

Juiz de Fóra

Tudo vem me lembrar que tu fugistes
Tudo que me rodeia de ti falla.

Castro Alves.

Boas Festas, te envio do retiro em que estou envolta com as recordações das tuas carinhosas e doces phrases de consolação e amor que chegavam aos meus ouvidos como hymnos e psalmos, deixando-me extasiada.

Quantas saudades guardo do passado!

Longe de ti, minh'alma chora; longe de ti, minha vida é um deserto insupportavel!

Volta, minha Guará! Volta!

Nas azas da brisa te envio suspiros, saudades e osculos de puro amor que, te consagro. Tua, só tua, do coração.

Itaperuna—25 de dezembro de 1915—E. do Rio.

Ailahtan Arovat.

Acrostico

Onde quer que vás, oh rosa
Lindo botão, ciciosa
Inspirada és no falar!...
Venus, tu vences no amor,
Illudes bem, carinhosa
Aos peregrinos do amor!...

Terra Nova, 4 — 1 — 1916.

Figuras e Figurões.

A' Alcida Figueira

O ciume é a setta cruel que dilacera o coração que ama com sinceridade.

—

Resposta

A' Maria A. Figueira

Tambem contemplando tuas faces cheias de esplendor, eu sinto reviver o meu amor.

—

A' Maria Christina de Souza

E' a Esperança o balsamo que cicatriza nossas magoas; o guia que nos leva a trilhar com menos pezar no turtuoso caminho da vida.

Rio, 2 — 12 — 915.

Emma Muniz

A' Nadyr C. Ramos.

Friburgo

A ausencia e a ingratidão são agudas dôres que cruelmente dilaceram o coração de uma amiguinha sincera.

Ariol.

Judith

Si o coração falasse, não precisavamos dizer o que sentimos.

Dizes que elle fala, porque? O teu já falou?

Sim, agora me lembro, tens razão; elle fala por intermedio dos olhos, que mais do que nunca, dizem o que sentem, e o que soffrem. Ah! se o meu coração falasse!

Da tua

Nair F.

A' alguem

Enviaste-me a *Arcadia* para ver o teu soneto, mas, penso, e acho que não é sómente de versos que o homem vive.

Si dizes gostar de mim, despersuade-te disso, pois é impossivel este amor assim. Sómente appello para o bom Deus para poder corresponder-te apparentemente.

Serve? De outro modo é impossivel.

Da

Tristeza Immorredoura.

A' minha mãe

Nas horas em que, triste e silenciosa, recordo a minha feliz infancia, vejo uma doce e bella imagem approximar-se de mim e reanimar-me no meu esmorecimento.

Esta imagem és tu, mãe querida.

—

A' meu pae

E' em ti, ó pae adorado, que eu vejo o caracter do homem sério e honrado.

Emma Muniz Alvares de Asevedo.

A' Maria Lucas
Palmeiras

O teu coração, inesquecivel amiguinha, é um magnifico jardim ornamentado de flores encantadoras, onde minh'alma embevecida pelo aroma angelical vai enebriar-se de ventura.

Paracamby, Estado do Rio, 28 — 12 — 1915.

Alzira Leal.

A' sempre lembrada!...

Assim como a rosa abre suas mimosas petalas para receber o orvalho matutino, que lhe dá a vida e belleza, assim meu coração abriu-se para receber a tua amizade que nelle permanecerá eternamente.

A. F. Rocha.

Ao academico E...

O teu amor é o telegramma enviado do céo que me diz: « Sinceridade ».

Julieta Catalão.

Ao E. L.

Assim como o mar tão poderoso vae quebrar-se num grão de areia, tua amizade se quebra ao mais leve sorriso de uma outra creatura.

P. G.

A' quem dedico

Assim qual mariposa que, ebriada
De luz, do fogo ás rubras chammas corre
Allucinada e céga, e após baldada
Luta, já exhausta, cae vencida e morre;
Graças, de ti, a um magico poder
Indo-se a doce paz que dantes fruia
Sinto tambem meu coração morrer
A' luz que de teus olhos se irradia.

Icarahy, 9 — XII — 915.

J. von G. K.

Um anno

« Da brincadeira nasce o amor ás vezes »

A' C...

Lembras-te, Carmen, do natal passado,
Daquella noite esplendida de lua...
Em que fitando a meiga face tua
Mandei-te um verso louco e apaixonado?

Mal sabiamos nós que entre os fulgores
De uma illusão phantastica e sombria,
Haviam de brotar num certo dia
Juramentos fieis!... Queixas d'amores!

Hermani Aguiar.

Ao E. L.

A inconstancia do teu amor assemelha-se ao mar revolto que ora faz submergir tantas almas, e ora fica sereno como a noite.

P. G.

Lina

Caridade — sublime idéal, define o mais precioso dom que um ente póde possuir, adequado aos corações bem fazejos e ligado inseparavelmente ao sexo feminino, fazendo-o, assim, mais precioso na existencia.

Lino.

A' minha Mãe

Só poderá comprehender o valor de mãe quem a tem distante de si ou quem para sempre a perdeu.

Jámais pessoa alguma poderá substituil-a, por mais carinhosa, por mais delicada, por mais terna que seja, porque ella é o unico ente insubstituivel, pela maneira por que se sacrifica por seus filhos e os cuidados e carinhos de que os cerca em toda a existencia.

Augusto Monteiro de Barros.

A' minha amiguinha Minduca Alcantara

A amizade sincera de uma dedicada amiguinha, é o balsamo divino que alimenta os nossos melancolicos corações quando elles se acham sepultados numa eterna escuridão.

Tua para sempre

Ariol.

A' M. M.
Villa Militar

A nossa separação concorreu paratornar ainda mais forte o amor que te dedico.

— O suspiro é o unico meio que me resta, para lamentar a tua ausencia.

— O amor que te dedico é tão intenso que o seu fogo abrasa-me e mata-me, longe da luz de teus olhos.

Ponte Nova.

Pinheiro.

A' Antonietta Viggiano
Itaborahy

Os teus olhos assemelham-se á um careere pelo grande numero de corações, que nelles vivem acorrentados... e que sublime castigo viver no céo dos teus olhos, sorvendo os encantos que delles se desprendem!

Nadya.

A Zita Vasconcellos
Nictheroy

Si os teus olhos na sua interminavel travessura prendem a cada momento os nossos corações, o teu sorriso escravisa e encanta porque é irresistivel e fascinada...

Nadya.

A' alguem

Nunca conheci o amor, o que me fazia passar altivo ao lado de qualquer moça; mas desde o dia que te vi o meu orgulho cahiu.

O teu olhar me fascina, os teus gestos, tudo emfim. Tens um quê, que me attrahe, mas que assisto estas bellas scenas silencioso, pois me sinto fraco para me declarar.

M. Coutinho.

A alguem

Se possivel fosse mostrar-lhe como está desfeito o meu coração pela ferida do despreso, penso que me amaria melhor. Porque me despresa se o amor que lhe dedico é de todos o mais puro? Oh! quanto soffro! Mas não importa, soffrerei já que assim o quer.

Noemia P. Silva.

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Expediente

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS
Anno . . . 10$000 — Semestre . 6$000
Pagamento adeantado

Numero avulso 400 réis e nos Estados 500 réis

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos. As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro.

Redacção e administração: Rua da Assembléa 47, sobrado — Caixa postal 421

CHRONICA

AINDA soa aos nossos ouvidos a cantilena alacre das Pastorinhas, nessa festiva noite de Reis, que tantas e tão risonhas tradições evoca!

E' possivel que o progresso, caminhando com a civilisação, aprimore os costumes, desbaste as arestas da rude e grosseira existencia dos nossos antepassados. Mas o que é verdade é que, si esse progresso nos traz maior conforto, mais luxuosa ostentação, outros habitos mais requintados, em compensação a vida se torna mais mercantilisada, o convivio, por menos simples, mais fingido na sua persistente enscenação ruidosa.

Ah! quantas vezes, por entre esse apparatoso viver moderno, embora sem aquella nobre e fidalga delicadeza das sociedades cultas de antanho, não nos recordamos da simplicidade empolgante de nossos antigos costumes, principalmente da vida descuidada do campo e das pequenas sociedades, no seio das quaes a puresa e o desprendimento quasi angelical da mocidade constituia um vivo encanto!

Como era suave e cariciosamente captivante a troca desses mil nadas, tão pueris mas ao mesmo tempo tão graciosos, sem a menor idéa de malicia, entre os jovens de out'ora, nas suas diversões em familia!

O folguedo dos Reis constituia então uma das mais apreciaveis notas da vida social desse tempo.

Desde bem cedo, a familia que tinha de ser visitada pelo *rancho* de Reis, era prevenida por pessoa amiga de que, a altas horas da noite, teria a grata visita dos alegres foliões.

Não obstante esse aviso, a casa se fechava e a idéa de quem passava era que os seus habitantes dormiam a bom dormir e, para os que sabiam da visita do *rancho*, era de que os donos da casa iam ser sorprehendidos.

A verdade, porém, é que elles aguardavam no leito a chegada do *rancho* festivo, para que mais lhes soubesse essa encantadora *sorpresa*.

As trovas cantadas, sem que se abrisse a casa e mesmo sem que a treva interior fosse dissipada, duravam alguns bons minutos, antes que os festejados fossem intimados por cantoria a franquear a entrada ao numeroso *rancho* de Reis.

Nesse tempo, raro era o rancho de pastores e pastorinhas. O commum era a *folia* sem outro distinctivo mais do que a disposição que tomavam á frente do *rancho*, acontecendo geralmente servirem os musicos, quasi sempre de instrumentos de corda, de cantores.

Depois das saudações habituaes, em verso, num tom quasi sempre festivo, ao contrario da toada plangente portugueza, a festa degenerava em baile ou fado desde que não houvesse mais casas a visitar.

Mas que blandiciosa doçura se evolava então desses folguedos tão simples!

Da alma pura, desprendida das maliciosas astucias e dissimulações de hoje, daquella gente tão cheia da grata uncção dos bons costumes, como que se evolava o suavissimo perfume dos mais castos e felizes pensamentos.

As vesperas de Reis passavam, para aquella pequena sociedade de então, como um dia da maior folgança, pois desde os primeiros dias de janeiro os ensaios do *rancho* iam gradativamente augmentando essa feliz espectativa daquella noite de sonoros cantos e de meiga e risonha diversão.

Mas os tempos se escoam e com elles essa visão ao mesmo tempo radiante e saudosa do encanto e da encantadora poesia que se desprendia dessas simples e numerosas festas populares.

Hoje, ha mais atavios; os cantos obedecem a mais cuidada e sonora harmonia; a roupagem dá mais movimento e mais esplendor ao conjuncto; mas as casas já não guardam agora aquelle grato recolhimento, aquelle quasi religioso silencio com que eram recebidos os foliões para maior realce á festa.

Os pastores e as pastorinhas emprestam hoje mais radiosa nota ao folguedo, mais viva alegria ao bando festivo; mas já não representam aquelle doce e empolgante prazer intimo que os *ranchos* de outr'ora despertavam na alma cheia de castas idéas das passadas gerações.

PAGINAS DA ALMA

As ultimas regatas de 1915

MANHÃ risonha de estival crepusculo.

Sob um céo azul de velario immaculado, singrando as aguas crystalinas do oceano, uma lancha nova cruzava a grande turqueza barrado de lacre, que adormecia sereno suspenso na phantasia do sonho.

Milhares de vidas a elle confiadas, borbulhando de alegria, sorviam estacticas as frescas auras marinhas, embevecidas na contemplação dos barcos que corriam.

Vozes argentinas, de quando em quando, cortavam a amplidão perdendo-se pelo espaço afóra, levados nas azas dos zephyros!

Por toda a parte, a mesma alegria reinava, por todos os corações o mesmo enthusiasmo.

Centenas de barquinhos com velas enfunadas, scintillando á luz fulva do sol, deslisavam velozes na gigantesca bahia disputando no meio de applausos e ovações.

Formosa coroa de damas elegantemente trajadas, cingia as janellas das barcas debruçando-se no ardor do enthusiasmo, para assistir á palma do campeonato vencedor, na luta empenhada sobre as aguas da magestosa Guanabara;

emquanto outras, pelo braço de elegantes rapazes da nossa fina sociedade, gozavam na embriaguez da valsa seductora e do *slepp* querido, ao compasso rhitmado dos campeões, o prazer que experimentam os apaixonados deTerpsychore.

Innumeras embarcações, como pontos brancos, em pleno oceano, fluctuavam á mercê das ondas que se desfaziam em poeira crystalina.

A poetica bahia festonada de barquinhos multicores assemelhava-se a uma téla japoneza de aprimorado e perito artista.

Dentre as muitas lanchas que seguiam com interesse os intrepidos batalhadores do remo, lançando no espaço pennachos de

Helena Rosa de Noronha, afilhada do sr. João Firmino, electricista do *Correio da Manhã*.

Sta. Amelia Barreira, constante leitora do *Jornal das Moças*

fumo que iam macular a transparencia azul, destaca-se uma no fundo do mar a mais bella, branca, tão branca como os sonhos que abotoam na mocidade.

Era um verdadeiro ninho de poesia, um batel de esperanças, oscilando nas escamosas aguas marcheladas de esmeraldas transparentes.

Nella divisei o perfil de um mancebo, que me ficou burilado na memoria, fazendo-me esquecer, por momentos, a dor que me acerba tristemente a alma.

Era um rapaz moreno, ceruli-crinito e olhos de esmeralda que me fitou o seu oihar franco, onde se lia a bondade de uma alma cheia de fé, de amor e de esperança.

Afivelei, então, a mascara do prazer e sorri por entre as trevas do meu continuo soffrimento.

Gozavamos já o encanto de um formoso dia á luz frouxa do occaso.

Desejava neste momento de indisivel satisfação, poder atravessar a nado as aguas que nos separavam para ir conhecer melhor aquelle joven official da nossa brilhante corporação militar — a digna marinha brazileira.

O céo tornava-se esmaecido e as sombras do crepusculo annunciavam-se lentamente.

Na quebrada da montanha, além, avistava-se o sol esbatendo o azul de turqueza que forrava o espaço.

Por momentos abandonei o passado, esquecendo no cadinho dos desenganos e, pela primeira vez, pensei na inspiração do amor mergulhada no turbilhão de venturas em que estava.

Como é boa a vida no periodo das duvidas galantes!

Nada porém, é eterno, ao dia seguiu-se a tarde dolente e melancolica.

Um sentimento de saudade, mixto de dor e tristeza, invadia os corações, alli presentes, que assistiam ao descambar da tarde, na saudosa symphonia do Angelus.

Corriam os ultimos pareos, cessara o enthusiasmo.

De repente, um silencio profundo cahiu sobre a immensidade e a noite descendo lentamente despedia as alegrias, envolvendo no sendal de trevas toda a face da terra, que, horas antes, regorgitava de prazer.

Estavam terminadas as ultimas regatas e com ellas o meu primeiro e derradeiro dia de aventuras nessa deliciosa e fulgida tarde de domingo.

HELENA D. NOGUEIRA.

A GENESE DA MULHER

Diz a lenda que, logo após a creação do mundo, Deus fez o homem, depositando nelle todos os attributos de rei da creação; belleza, força, intelligencia e consequentes primores.

Da mulher não se falou, essa coitada só foi lembrada muito accidentalmente e assim mesmo para attender aos reclamos lamentosos de Adão, que não se conformára com o isolamento paradiziaco a que o submetteram.

Essa historia foi mal contada, a lenda da costella é prosaica de mais, para quem tanta poesia encerra, não passou de uma burla que a inveja dos homens inventára para collocar a mulher num plano inferior. Que o homem fosse feito de barro, estou propenso a acreditar, elles têm os caracteristicos da grosseira materia de que foram feitos, mas que a mulher fosse a sequencia d'essa silica, transformada em elemento calcareo, ossificada numa costella, nisto vae muita injustiça, sabendo como eu sei da sua verdadeira ssencia.

O caso me foi revelado num momento de extase por um poder extranho que eu mesmo não posso definir nem apreciar. Foi por este meio que eu tive conhecimento da verdadeira origem da primeira mulher, dos elementos constituitivos de seu sêr. Ella não foi constituida com materia prima deste mundo, nenhuma havia então, que fosse bastante subtil para conformar um ente tão delicado. O barro só serviu para Adão, a mulher teve outra origem bem mais sublime, veio das constellações espalhadas pelo universo em vibrações de luz.

Diz-me a revelação, que o perfume é um fluido que se condensa em certos pontos do infinito e forma, com a materia irradiante, a quintessencia da materia. Todo o universo para lá envia o que mais adorante possue em suas floras. Esses pontos do infinito são defesos a todos, menos aos anjos, que vão lá buscar os elementos constituitivos, para as obras primas que offerecem a Deus.

Foi deste ambiente que a mulher sahio.

Diz-me ainda a revelação, que os anjos, no mister de produzirem uma obra de arte digna do Ente Supremo, empregaram todo o carinho na confecção de um corpo que traduzisse todas as bellezas do universo. Foram por toda a parte, nos reconditos dos mundos, nas profundezas sideraes, buscar o que melhor houvesse para formar a mulher.

De Sirius transportaram a magestade do porte, a elegancia e a distincção; de Vesta, o brilho, a doçura, a expressão, a languidez do olhar; de Alpha, esse fluido maravilhoso que produz a a seducção; das nebulosas, o manto assetinado da epiderme; das auroras do infinito, levaram dois pomos, côr de rosas, nascidos por entre os lyraes em flor, mais dulçurosos que as favas do Hymeto, dissorando o nectar da volupia.

Num escrinio de ouro, sobre uma tripode de esmeralda, envolta em gazes exhalando aroma de mirrha, insenso e alóes, mandou Venus por entre petalas de rosas — o sorriso e o beijo.

Ceres, Pallas, Astréa, Vega e Procian, sóes rosados, azues, escarlates, astros de opála e saphira encravados na sideria mansão, todos concorreram com seus primores para a obra admiravel dos anjos, mixto de luz e de perfumes.

Faltava o espirito, esse ninguem podia dar, era attributo de Deus. Depois de baptisal a em aguas lustraes, foram a elle. O Altissimo, com um sorriso de extrema bondade contemplou, satisfeito a maravilhosa creação. Notou, porém, um grande defeito; deram á mulher um coração demasiadamente bom, que seria para sempre um motivo de lagrimas e pesares, pela muita sensibilidade de que era conformado, mas, que fazer? Tocar no coração era desfazer o trabalho tão carinhosamente executado, demais, era o unico defeito, deixou-o assim mesmo.

Sobre a estatua fez passar um sopro de seus divinos labios — deu-lhe a vida. No logar do coração pousou a sua dextra augusta e disse: «quando criei o homem, não me olvidei de ti, pelo contrario, deixei-te propositalmente para o fim; eu quiz que o universo inteiro tomasse parte na tua creação, dei aos anjos esta tarefa em que aliás se sahiram maravilhosamente bem, o que muito te honra e me satisfaz.

Não julgues que na cosmogonia universal, eu não tenha todos os elementos para formar um homem mais sublime do que tu, si o fiz dessa materia argillosa, a primeira vista tão grosseira, foi por um motivo que não te é dado apreciar, mas que revelarei mais tarde; em todo o caso, dir-te-ei sempre, que o equilibrio é o resultado de dois elementos contrarios, duas forças iguaes, infallivelmente se repellem, dois caracteres physico-chimicos semelhantes, são insoluveis. Si o homem fosse quintessencial como tu, a união seria impossivel, para que haja assimilação é necessario que o homem tenha aquillo que te falta, isto é, força, intelligencia e coragem, sem estes predicados a especie se estiolaria na primeira geração, o connubio só produziria a hysterilidade, o que não está na ordem das cousas preconcebidas.

Como vês, não ha tamanha desproporção entre ambos; eu tiro a verdade e a perfeição do proprio absurdo.

Os anjos, só erraram na conformação do teu coração, fizeram-no demasiadamente sensivel e fraco, mas, eu o faço forte, dou-lhe o que melhor tenho em minha essencia — dou-lhe o amor : Fogo sagrado que jamais se apagará do peito humano, pyra onde se prosternará vencida a tendenciosa volubilidade do homem.

Só tu no mundo saberás amar com a intensidade desse fogo sagrado, só tu conhecerás essa ambrosia divina. Dou-te a virgindade, a belleza e o pudor que tu transmittirás por selecção natural. Em troco, só te imponho uma cousa: sê boa e caridosa.»

E assim foi feita a mulher, mysto de luz e de perfumes, sempre tão bella, tão pura e tão carinhosa.

Desceu á terra, por entre canticos e flores, em fórma de flocos de neve, que se tranformaram em espumas fluctuantes, irisadas pelas fulgurações das auroras boreaes.

LUIZ DE ALMEIDA

Ao centro o major Silverio Moreira, senhora e filhos e as senhoritas Laurinda Silva e Maria Andrade

A graciosa Maria, filha do sr. Bento Telles, proprietario em Caçapava

O AMOR

Que é o amor?

Não sei dizel-o, nem tenho a louca pretenção de inventar theorias e idéas, nem de definir fielmente esse sentimento grandiloquo, capaz de todos os sacrificios e de todas as loucuras. Escapando-se do seio de Deus, veio habitar comnosco, para engrandecer o homem e encher a sua existencia de sublimados aromas. O amor é eterno como o proprio Deus, mas irreflectido e fallivel como o homem. Refiro-me, porém, ao amor santo, desinteressado, amor que só existe nas almas bem formadas e nos espiritos cultivados e esclarecidos pela luz da educação e do dever; um amor que não cance a eternidade, que a morte não extinga, que faça parte integrante da vida e das cousas immortaes: sobrevive a tudo.

Muitos ha que confundem o Amor com a Paixão e aquelle com a Amizade. Posto que, nascidos na mesma fonte, são todavia de natureza differente, seguem rumos bem diversos.

Emquanto que o Amor, como já disse, é um sentimento capaz de todas as loucuras, a realidade da existencia do espirito, a mais nobre e ingente face da vida terrena, plenamente illuminada, pelo grandioso sol do idealismo humano; a Amizade, embora duradoura, é calma, reflectida, sensata e limitada; a Paixão é momentanea, impetuosa, louca fascinação de momento, bem como os fogos fatuos que lampejam no espaço intangivel. Não creio que Sapho, precipitando-se ás profundezas do Egeu, experimentasse amor por Phaon e sim uma louca paixão pelo mesmo, ao passo que Aspasia celibrizou-se pelo amor que teve a Pericles, dominando de um modo extraordinario no seu coração, e concorrendo para a sua gloria; e tantas outras mulheres que se tornaram celebres. Licinia amou loucamente a Mecenas e com tamanho ardor, que os romanos erigiram uma estatua á sua memoria. Infelizes daquelles que desconhecem a sublimidade, a plenitude do Amor, e que procuram amesquinhar o mais nobre sentimento que na terra existe!

Realmente, é doce ter-se a convicção que existe um ente cujo coração só por nós palpita e que nos ama com todas as energias de sua vitalidade!

Fonte de ineffaveis venturas, balsamo consolador, Amor, divino, immaculado. Amor! ai do que não te souber comprehender! Tu que, sendo a morte, o falso, a noite, o inferno e o nada, és ao mesmo tempo, a vida, o verdadeiro, o dia, o céo e o Deus!

Nunca poderás ser um crime, porque és de origem e de essencia divina e por isso tudo redimes!

FRANSIL.

VENCIDO...

A' um idealista decadente.

TU, que és o grande artista da dor, o sonhador sublime, que tanto adoras os crepusculos sangrentos e os poentes doirados, que tanto amas as mysticas Alvoradas e as ridentes auroras ideaes, serás vencido um dia...

Todo esse divino Culto que consagras á tristeza e á melancolia, todo esse mysterio insondavel que constitue o teu proprio ser, totas as fulgurações estupendas do teu cerebro grandioso, cessarão então...

Todas as sonoridades bizarras do teu ser martyrisado continuamente por mil sonhos de amor e de ventura, emmudecerão num cicio lento e vagaroso, num cicio de prece.. Essas tuas descarnadas e enrugadas mãos que affagaram outr'ora corpos mysteriosamente lindos, alvas formas espiritualisadas, num estremecimento inquieto e nervoso, essas tuas mãos ficarão paralysadas para sempre no derradeiro spasmo do teu ser amaldiçoado... A tua bocca, essa taça-maldicta donde só sahiram blasphemias e imprecações, que tantas vezes murmurou tremendas maldições e que tantas outras proferiu baixinho orações de dor, psalmos sombrios e confissões satanicas, essa bocca tambem se calará um dia no rictus final de tua vida. E nunca mais, nunca mais murmurarás aquellas canções bizarras, aquellas extranhas, funnambulescas phrases hediondas... E esses teus olhos que contemplaram tantas vezes todas as venturas idealisadas pela tua mente fecunda, que se extasiaram attonitos perante tantos espectaculos do tragico e do terrivel, e que quantas vezes se fecharam ante tetricas visões entresonhadas, esses teus olhos se encerrarão tambem um dia funebremente, desoladoramente, apavoradamente... E nunca mais poderás fitar esse sol que tanto estimas, nem essa romantica lua pallida e loira que tanto amas em segredo...

E essa tua carne rubra, esses teus desengonçados braços, essas tuas pernas bambas e tropegas que sustêm o teu ser exotico, tudo isso não mais vibrará, não mais pulsará, no lugubre cataclysma das negras emoções violentas...

Senhoritas Mimosa M. e Noemia Brazil

E o teu coração—esse sanguinolento sacrario de todas as tuas religiões maldictas e radiosas—cessará de bater, elle que era toda a tua vida, todo o teu ser, toda a tua força...

Então, dentro de ti, momentos antes do ultimo lampejar, do ultimo arranco, uma voz interior, medonhamente horrivel, extraordinariamente aterradora, satanicamente sombria, murmurará pesadamente, lentamente, pausadamente e assustadoramente todos os teus crimes, todas as tuas torpes aspirações, todas as tuas ambições exoticas e maldictas...

Será ella a—consciencia!—esse medonho mal que todos trazem em si, e que corróe sinistramente a tua tranquillidade, que fará com que a tua agonia seja a mais dantescamente imaginada...

Virão então á tua presença todos os perfis diabolicos de teus sonhos estupefacientes que dansarão ao teu redor dansas infernaes...

E tu, ó grande idealista, ó meigo burilador das sonatas raras e maviosas, dos nocturnos sombrios e penetrantes, tu, ó divinal cantor de todos os lyrismos, de todas as emoções suaves e sinceras, de todos os doidivaneamentos imaginados, sentirás perpassar por ti os espectros terrificos de teus sonhos tão lindos, que murmurarão mil canções grotescas e ironicas, intercalladas de gargalhadas sinistras, horripilantemente sinistras...

Todos os castellos que construiste com tuas tristezas, tudo, tudo ruirá por terra com o ruido das enormes, das grandes catastrophes...

As concepções mais absurdas que tiveste um dia, as maiores calamidades que sentiste em toda a estrada sangrenta de tua vida, nada, nada terá o sabor—amargo, o pittoresco-lugubre da tua agonia immensamente triste...

E eu sei que chorarás então... Eu sei que te has de lembrar duma casa pequenina, alegre, branca, muito branca, onde viveste os teus felizes tempos e onde tiveste sempre para consolar-te a vida o olhar divinamente sublime e sublimemente divino de tua querida mãe, dessa meiga velhinha que te adorava como só se adora um santo...

E recordarás tambem as tuas simples aspirações, os teus mais santos desejos num silencio religioso e mystico... E tu, que sempre foste indifferente á dor e á degraça, terás vontade de chorar então... Mas não chorarás... O destino, essa mancha infame, esse ignominoso ferrete da dor, que te acompanha desde que entraste, tremulo e vacillando, nesta «eterna interrogação» onde só imperam o medonho e o horrivel, o destino te acompanhará até que vás repousar o derradeiro somno, o eterno somno no seio fecundo e virgem da natureza exhubure... Depois, quando a tua tragedia, mixto infernal e diabolico do enormemente horripilante e do extraordinariamente atterrador, terminar, serás o fructo que o viajor fatigado colhe na estrada, serás o rio que colleia além na matta em sussurros mil, ou então as rosas sangrentas ou alvas, que romanticas donzellas colhem por uma tarde azul, toda plena de sol e de tristeza... Alguem, cujo nome ninguem sabe, collocará então um ponto final na tua existencia phantastica e sombria, e tu, que vieste para ser um vencedor da vida, serás um dos muitos naufragos, dos muitos vencidos da vida!... Serás vencido um dia!...

2—11—915.

(Do «Missal Doirado», em preparo)

SALOMÃO CRUZ.

A ALGUEM

Recordação de Petropolis

Como olvidar-te, encantadora Petropolis? Berço de poetas, ninho de fadas; guardas em teu florido seio todos os primores da sabia natureza.

Uma manhã debruçada na janella de meu quarto, sorvendo com embriaguez o ar vivificante de tuas explendidas serras, eu dizia á fresca brisa embalsamada pelo perfume de mil flores: quanto sinto, ó auras inebriantes, não poder ficar sempre aqui! Quando longe não sentirei a doce caricia de teu leve sopro, e como soffrerei!

E tu, capellinha branca, quando te verei? Quizera um dia, á sombra de tuas alvas paredes, sentir a bençam do Senhor, quando sem vida para ahi me transportassem!

Quizera num abraço enorme de despedida, abranger-te toda, ideal cidade de meus castos sonhos... Deixo em teu regaço as minhas mais caras illusões; guarda-as bem em teu odorante escrinio, pois só tu conheces de meu coração o segredo occulto.

Meigas florinhas, alvos nenuphares dos serenos lagos, quando em noite de lua abrirem os nevados seios, guardae os meus suspiros damor!

AIRAM.

Senhorita Hilda Gomes — Mme. Berth Goldschmidt

VISÃO CREPUSCULAR

A Luiza...

A TARDE descia lenta, grave, nostalgica e elegiaca. O silencio era profundo, mysterioso, cheio de evocações e de saudades. O céo tinha a côr indefinivel de um céo oriental pleno de saudosas lembranças... Era como o rosto pallido e triste duma virgem agonisante... No poente fulvo havia nuvens purpureas que attestavam a recente passagem do astro realengo.

As montanhas velavam-se com a tunica pardo-escura da noite. As aguas lacustres immoveis e escuras tinham arrepios como que de volupia... Suspiravam mansamente amorosos Zephyros...

O dia expirava numa agonia lenta de silencio, de tristeza e de côres. Enchia-se o espaço, calido ainda, de cousas mysteriosas e invisiveis... Eram, talvez, cortejos de magoas e de saudades que errassem pelo branco colorido da tarde agoniaca, fazendo reviver passados dolorosos, já quasi esquecidos. Pelo crepusculo perpassavam lentamente sombras semi-visiveis que pareciam murmurar mysterios, em voz inaudivel que a ninguem era dado perceber, que não se podia comprehender...

Nesta hora vaga, triste, indefinivel, de collectivo recolhimento tudo se reveste de uma estranha mysticidade. O silencio torna-se absoluto. Uma folha secca que cáe, um estremecimento do arvoredo, são como que um gesto, uma palavra breve e incomprehensivel... Quem sabe se não é a voz da Natureza?... Quem sabe?

Senhoritas Olga e Mercêdes Barreira, residentes em Icarahy

O murmurio do regato já não tem mais aquella alegria de horas dantes. E' grave, melancolico, triste como um murmurio de prece. No canto supplice dos passaros ha uma vaga inquietude, um respeito incontido...

Qualquer ruido, qualquer grito perdido vem impregnado de uma tristeza pungente... Tudo que dorme no fundo da alma ou do coração vem rapidamente ao presente...

Maguas ou dores extinctas, recordações doces ou amargas, lembranças felizes ou dolorosas... sonhos desfeitos... desillusões... tudo... tudo imerge das brumas do passado.

A alma confrange-se ante tantas recordações agridoces e o coração aperta-se ante a realidade dura e implacavel das cousas.

No emtanto, o azul do céo se vai tornando cada vez mais pallido, mais nostalgico; farrapos de nuvens ha pouco brancas, vão tomando uns tons cinzentos escuros que prenunciam a chegada augusta da noite.

No espaço, Venus apparece... Depois surge mais uma estrella... outra mais... todas por fim, como se uma invisivel cortina se fosse descerrando lentamente. O céo fica juncado de pontos luminosos... Serão estrellas ou lagrimas sentidas de alguma mãe saudosa?...

Serão estrellas, ou serão ternos olhares de virgens que morreram amando?...

Eu quedo-me abstracto, preso já do mysterioso enlevo do crepusculo agonisante...

Meu pensamento foge para longe... muito longe... e eu me submerjo numa *rêverie* profunda.

A tristeza e a saudade me invadem a alma... o coração aperta-se em meu peito e os meus olhos buscam ver na quasi obscuridade alguma cousa que se não póde ver... uma imagem pura... um rosto ticianico... um olhar indefinivel... um sorrisso que é todo um poema de doçura...

E a lembrança della vem povoar a minha alma desolada e fria... E da opacidade da noite, vai surgindo lentamente uma visão etherea, branca, loura, delicada, feita talvez de flocos de neve e de raios de sol... O seu rosto é branco, puro, tem a frescura dos lyrios em manhãs de primavera. Os cabellos são louros, de um louro escuro que lhe caem pelo pescoço de jaspe em cascatas fulvas... Os olhos dir-se-iam feitos de mysterio... Têm um brilho estranho impossivel de definir... parecem olhar uma outra vida... Ah! Quizera morrer contemplando aquelles olhos mysteriosos... Um sorriso virgineo brinca-lhe nos labios feitos de purpura, humidos como duas conchas de coral no fundo das quaes se occulta avaramente um collar das mais bellas perolas do Oriente...

Aos poucos a visão se vai tornando mais nitida, mais real... Eu a reconheço emfim... tremo... suspiro... bate-me o coração sem cadencia... e, extactico, murmuro um nome... um só... um unico...

— Luiza!

Rapida a visão se esvae, evola-se... e os meus braços tremulos... hesitantes... só encontram o vacuo. Sonhei de certo... Olho... e nada vejo senão o céo, immenso, mysterioso, constellado de estrellas fulgentes.

SYLVIO B. PEREIRA.

NOTAS MUNDANAS

CASAMENTOS

O sr. Bernardino O. da Fonseca Junior e d. Antonia Velloso da Fonseca, residentes nesta capital, participaram-nos o seu casamento.

Desejamos felicidades aos jovens consortes.

No dia 30 do mez findo realisou-se, em Carangola, o enlace matrimonial do sr. Candido de Souza Sepulveda com a senhorita Clotilde de Souza.

Realisou-se a 8 do corrente mez o casamento do sr. Francisco Branco Mendes com a exm. sra. d. Carolina Carvalho Mendes.

Os actos cerimoniosos foram effectuados na residencia dos noivos, á rua Alzira Brandão.

Foi realisado a 8 deste mez o consorcio do bacharel Epitacio Timbaiva da Silva, filho do sr. Manoel Timbaiba da Silva, negociante nesta praça, com a senhorita Stella Rocha, filha do sr. general João Justiniano da Rocha.

Paranympharam os noivos : no civil, o dr. Arthur Eduardo Seixas e senhora, o dr. Adelmar Tavares e o dr. João José de Moraes ; no religioso, o major Soares de Lima e mlle. Marina da Rocha Marinho, dr. Fernando Soares Brandão e mlle. Aracy Moreira Pinto.

Acha-se ajustado o enlace nupcial da nossa gentil leitora Irene Machado, com o sr. Orlando Pereira de Barros, digno funccionario da Superintendencia da Limpeza Publica.

NASCIMENTOS

O lar do dr. Celso Tolentino Alvares e de sua exm. esposa d. Aldemira Pinto Alvares está em festas, em regosijo do nascimento da interessante Juracy, filha desse digno casal.

Acha-se enriquecido com o nascimento do menino Wilton, o lar do sr. Agenor Rego, funccionario do Departamento da Guerra.

O casal Ariosto Azevedo e Isaura Braga de Azevedo teve a ventura do feliz nascimento de sua filhinha Yvonne.

O distincto 1.° tenente do exercito Ildefonso Escobar, presidente do Tiro Federal, tem o seu lar enriquecido com o nascimento de uma galante menina que, na pia baptismal, receberá o nome de Yvonne.

ANNIVERSARIOS

Fez annos no dia 10 deste mez mlle. Elvira de Campos Godinho, distincta alumna da Escola Normal, filha do sr. Arthur de Campos.

Fez annos no dia 22 de Dezembro findo o joven Oswaldo Lisboa de Mára, filho do sr. João Agostinho Lisboa de Mára.

Em 10 do corrente mez completou mais um anniversario o menino Antoninho, filho do sr. Antonio Fiuza Junior.

O sr. capitão-tenente Oscar Spinola fez annos no dia 10 deste mez.

Faz annos amanhã o sr. Manoel Alves de Almeida, distincto funccionario publico.

Faz annos no dia 23 o nosso dedicado companheiro de trabalho Francisco A. Pereira Junior (o Pereirinha).

ESPONSAES

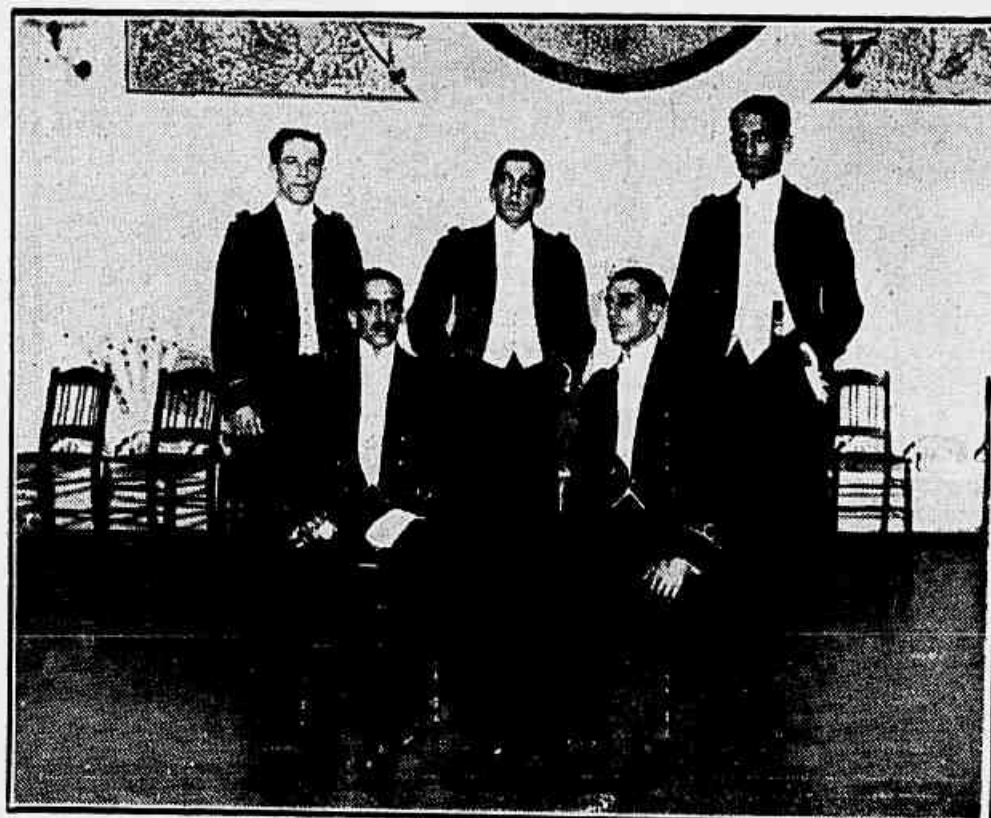
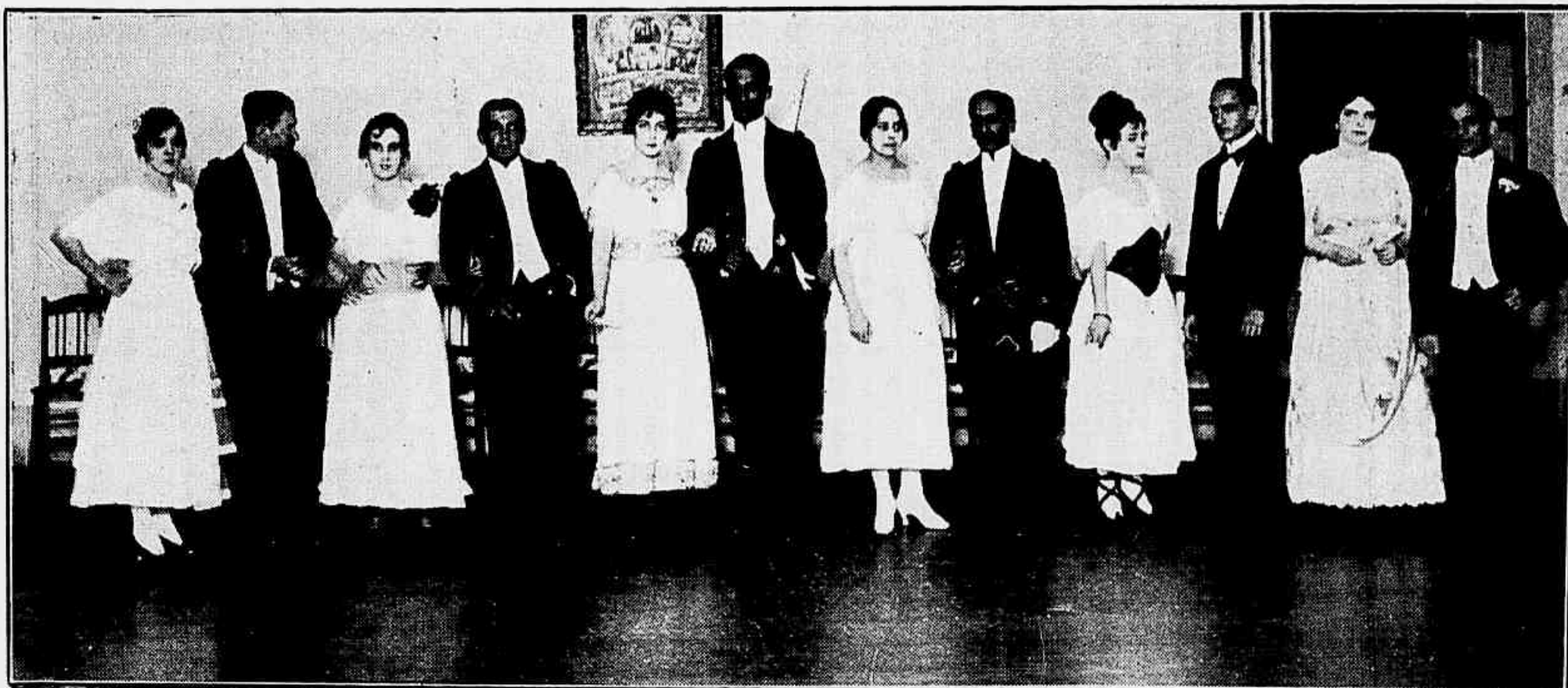
O sr. Carolino de Carvalho, funccionario da E. F. Central do Brazil, e a sua exm. esposa receberam no dia 6 deste mez innumeras felicitações por motivo do anniversario do seu casamento.

Em commemoração á data de anniversario de suas nupcias, o casal Paulo e Hortencia Flores dará uma elegante recepção em 22 deste mez.

NOTAS ACADEMICAS

Concluio com grande brilhantismo o 3.° anno da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, o distincto moço Albano Antunes de Oliveira.

LILAZ CLUB — Grupo de convidados no baile á fantazia, realisado em 31 de Dezembro

CLUB S. CHRISTOVÃO

Diversos aspectos do grandioso baile realisado em seus salões, em 8 de Janeiro. — No terceiro grupo, á direita, acham-se os Snrs. Tenente Mario Esnaty, Francisco Castello Branco, José de Araujo Santos, Manoel da Silva Carneiro e Arthur Monteiro.

MODAS E MODOS

CONTINUAM em franco successo os costumes, genero «tailleur», os quaes se vêm nos theatros, reuniões, passeios e outros logares publicos, confeccionados em gabardine, sarja, velludo, «velloutine», musselina, lãs de phantasia, charmeuse, ottoman de seda, etc., sendo preferidas as cores: azul marinho, verde azeitona, azul Joffre e ferrugem.

Em Paris estão muito em uso os tecidos pretos, naturalmente, por causa do luto que infelizmente, envolve a maioria das familias francezas.

Os vestidos «tailleurs», em grande maioria tem as saias muito amplas e as jaquetas justas e compridas.

Alguns são completamente lisos e terminados com golas altas, outros ao contrario, são guarnecidos, tanto as saias como as jaquetas de viezes pospontados, com applicações de passamaria, galões e «soutaches».

As saias estreitas já não se veem quasi, estão rareando cada vez mais e as que estão se usando agora são cortadas estreitas nos quadris e muito amplas nas extremidades, dispostas em «godets» ou folhos franzidos. As saias com suspensorios estão tambem na Moda, mas continuam a ser curtas, obrigando as elegantes a um apuro de «coqueterie» na escolha das meias e do calçado...

As tunicas vão desapparecendo, mas em compensação as blusas continuam em grande voga, em uma variedade encantadora e attrahente, confeccionadas em tecidos de diversas especies, sendo preferidas as de gola a Maria Stuart, abotoando nas costas, com punhos altos, guarnecidos de rendas e um pequeno decote retangular, confeccionadas em taffetá ou gaze.

Estes modelos são os favoritos das elegantes, mas as costureiras têm creado deliciosas variantes, algumas acompanhadas de um gracioso colletinho ou peitilho de setim liberty, com golas muito altas que dão a essas blusas um «cachet» especial.

As mais afamadas modistas de Paris recommendam os modelos de blusas, com plissados lateraes e que foram muito apreciados ha dois annos passados. Em resumo: as blusas estão actualmente na maxima actualidade, confeccionadas em todos os tecidos, de variadissimos feitios e para todos os misteres: poder-se-ia dizer mesmo que a época é das blusas.

Encantadora *toilette* para noite em tule preta ou azul marinho rayée de velludo da mesma cor.

ENTRE as costureiras parisienses existe uma classe privilegiada. Essa vae ao «atelier» de carro ou de automovel é admirada pela sua belleza, pelo seu porte, pela elegancia das suas fórmas. São os manequins e a sua profissão é vestir as «toilette» esplendidas de luxo e mostral-as animadas pelas suas impeccaveis fórmas.

O officio de «manequim» é muito cubiçado porque é suave esse meio de ganhar, trabalhando pouco ou quasi nada, viver no ambiente perfumado e elegante das senhoras, vestidas de rendas, velludos e sedas.

E' profissão facil mas perigosa, cheia de tentações continuas para a mulher joven e bella que á noite deve voltar á miseria do seu lar.

Os «manequins» ganham de 150 a 200 francos por mez, almoçam e ás vezes jantam com os patrões, vivem no luxo em contacto com as mulheres que gastam fortunas, pois ha em Paris muitas senhoras que dispendem trezentos a quatrocentos mil francos por anno com o vestuario. A rapariga cuja principal habilidade profissional

Vistosa toilette de filó preto, saia franzida com barra de velludo, cinto alto, de velludo *corsage* de gaze branca com decote triangular, manga comprida. Toilette em *voile* de seda branca ou rosa secco, tunica curta, blusa com mangas curtas e suspensorios.

Calça combinação em nanzuk com rendas *guipure*.

Pyjama para senhorita em zephir ou flanella fina listada.

consiste em ser esbelta e graciosa, chega ao serviço ás 9 horas. Faz-se pentear porque o preparo da cabeça deve estar em harmonia com o resto da figura: pó de arroz, pomadas, pintura e todas as mais «armas» da belleza, são os instrumentos da profissão: e depois o «corset» impeccavel as "culottes" de sêda as botinas altas e elegantes...

Simplesmente: mas gasta nisso uma hora.

Deante das senhoras que acodem de todas as partes do mundo para escolher o vestuario ao «manequim» que passeia, inclina-se, gyra, senta-se, levanta-se, para mostrar em todas as posições a delicada elegancia de cada grega e de cada laço. Trava-se a discussão sobre qual se deve escolher e a mulher joven e bella continua a passear inclinar-se, girar, sentar, levantar, sem dar signal de cansaço com o eterno sorriso de boneca nos labios.

Quando se quer introduzir um figurino, ella anda em publico, vae ás corridas ao concurso hyppico a um casamento onde haja reunião da sociedade elegante.

Toilette para passeio em gaze chiffon em combinação com veludo, ou linon e taffetá.

Radiante *toilette* em crepe da China, tunica em bicos e *pingentes* e debruada de seda. Corsage em traspasse de gaze e cinto largo de setim liberty.

A BELLEZA DO PENTEADO

O novo penteado é considerado por uma leitora de revista franceza feio e inteiramente deformador do bello conjuncto da formosura feminil.

Paul Bourget diz que a *toilette* completa a mulher. Sem duvida nesse complemento entra forçosamente o penteado com tudo que o adorna.

A entumescencia do cabello dá á cabeça, segundo a mesma revista, uma fórma oblonga que é o cumulo da belleza... entre os esquimaus.

Porque não se inspirar antes na esthetica admiravel das estatuas gregas e romanas?

A moda da moderna cabelleira, seja embora lembrança de algum explorador dos polos, dá idéa das cascatas desordenadas que se accumulavam sobre a fragil cabeça das bellas damas, antes da Revolução Franceza, ou os estravagantes e impossiveis coques, entremeiados de trancinhas que reduziam ainda mais os meigos rostinhos das damas de 1830, na França.

A redactora de uma revista acha, porém, que a belleza não constitue um só typo, é innumeravel e com arbitrio para circumscrever a moda, a uma só formula ou não admittir outra além do seu ideal. A moda póde seguir o seu curso e as damas obedecer ás suas normas, porque ella só póde enfeiar aquellas damas que a acompaharem de olhos fechados.

Não é acceitavel que uma dama permaneça, em contraposição com as leis da natureza, adstricta a um só penteado. Depois, é preciso attender que, em relação á moda, como á muitas outras cousas, a variedade é que produz o encanto.

Além disso, é bem sabido, por ser muito mais facil e menos dispendioso, que a mudança de penteado não se compara com a mudança de *toilette*.

Um ou outro modelo dos tres que aqui apresentamos ás gentis leitoras deve enquadrar maravilhosamente com os seus formosos rostos, desde que sigam o conselho dado de não se deixaram prender a elles com essa escravisação musulmana á moda, seja ella qual fôr.

Principalmente dois destes modelos, os que não se remontam á moda dos coques, que nem em todas as damas assentam, podem ser usados com vantagem e sem os feios qualificativos da leitora da revista franceza.

Elegantes costumes para meninas

O uso dos anneis remonta á maior antiguidade. Egypcios, assyrios, hebreus, gregos e romanos os usavam e delles se conservam numerosos exemplares: eram verdadeiros sellos e constituiam um signal de propriedade e autoridade de seus portadores.

Em todos os tempos, o annel tem sido symbolo de amizade e emblema de noivado.

Quando Pharaó elevou José á categoria de primeiro ministro, entregou-lhe seu annel de ouro, symbolo do poder.

Alexandre, o Grande, achando-se moribundo, passou a Perdinas o seu annel, indicanda-o, assim, para seu successor.

Polycrates, tyranno de Samos, tinha gozado, durante quarenta annos, ininterrupta felicidade; inquieto e receioso de tão constante fortuna, afim de conjurar em seu favor a deusa da felicidade, lançou ao mar, em offerenda, o seu annel ornado com uma esmeralda de grande preço.

A deusa não acceitou o sacrificio e o annel achado no ventre de um peixe, foi devolvido ao tyranno, que considerou o facto como máo agouro.

Com effeito, pouco depois, Oronte, lugar-tenente de Dario, apoderou-se de Samos e crucificou Polycrates, no anno 522 antes de Christo.

Como signal de alliança, dadiva de amor, o annel foi ao principio duplo, unido por laços do mesmo metal e era usado no quarto dedo da mão direita.

Frequentemente nelle se gravavam legendas.

O annel symbolisou tambem laços mysticos; assim, era por meio do annel que se consagravam os esponsaes de Veneza com o mar.

Cada anno, no dia da Ascensão do Senhor, o Doge de Veneza, de pé, na prôa do legendario Bucentauro, rodeado pelo Senado e em presença do povo reunido, em suas gondolas, em torno da regia náo, lançava seu annel de ouro ao Adriatico.

O annel serve ainda hoje para sellar convenções entre paizes e tratados de paz. Jules Favre sellou o tratado de Frankfort com um annel que lhe fôra dado de presente por Naunorf, o supposto descendente de Luiz XVI, que aquelle defendera quando o famoso aventureiro quiz reivindicar os seus pretensos direitos ao throno de França.

O annel foi tambem considerado como talisman, sobretudo quando tinha pedras engastadas. Assim se acreditava na Edade Média, quando os feiticeiros vendiam anneis magicos, que resguardavam contra o veneno, as mortes violentas, etc.

Simples e graciosos vestidos para senhoritas de 13 a 16 annos de idade.

Coração que não dorme...

O meu coração não é como o coração dos homens que ás vezes folgam e ás vezes riem; nem como o dos que vivem dos prazeres e se mergulham nas alegrias falsas do mundo: é um coração alimentado constantemente pelo ardor dos desejos que o conduzem no caminho das esperanças fagueiras; afoga-se num mar de justas ambições, aspira a pureza dos ideaes, como eu: soffre, sente, chora e soluça ..

O meu coração não é um coração cégo: tem olhos que vêem o que se passa perto de mim e observa o desdobrar dessas scenas que sempre me trazem o pesar com a magua, a duvida com a incerteza, o abysmo de uma tentativa com o impossivel de uma realisação, que nunca se dá!... Elle não é surdo tambem, porque tem ouvidos, e os seus ouvidos ouvem palavras e phrases que nem sempre lhe traduzem a realidade da expressão, costumam revelar-lhe o pensamento, o desejo, a promessa a fazer, o consentimento, uma esperança a afagar, um suspiro a significar coisas que se não traduzem, nem se explicam...

O meu coração sente o perfume suave das intelligencias no meio em que vive, confabula com ellas sempre em segredo; mas eu não sei nunca o que se passa nesse colloquio mysterioso com o meu coração; elle percebe melhor do que eu o que querem dizer essas coisas, e eu não tenho recursos para entender coisas que só o coração póde comprehender e guardar.

Oh! linguagem incomparavel e excelsa das coisas mysticas, que sómente ao coração se confiam, como as preciosas essencias dos frascos delicados! como és ao mesmo tempo incomprehensivel e impenetravel, sem traducção, ou significado, que nos alente, ou reanime, a alma combalida; que nos desafogue o intimo para tornal-o capaz de ouvir enygmas e segredos, tudo aquillo, emfim, que se confia a um coração amigo!

Cofre de confidencias que, talvez, a ninguem fosse dado possuir com mais orgulho como ao dono do coração, que tenho, elle se inquieta com o soffrer alheio, empenha-se com o lutar em que se vêem os outros corações; sente o que os outros tambem sentem.

Muitas vezes, ao buscar o leito para o descanso das fadigas, cerro os olhos á espera do somno. Concentro o pensamento no desejo de dormir; horas e horas, lentas e penosas, se passam, sem que o somno me queira ajudar o repouso. Não durmo! E não durmo, porque o coração tambem não cerrou as suas palpebras, nem quiz dormir, alerta, com o pensamento a divagar pelas coisas do seu conhecimento, inquietando-se, indo em procura de outros corações no interesse delles e no sacrificio de si mesmo.

O meu coração é uma urna que guarda muita revelação delicada; a elle, só a elle confiada; nenhum outro, senão elle só, por sentinella a essa urna, para impedir que a profanem, que lhe quebrem os cadeados, ou lhe voltem os fechos e lhe roubem os segredos nelle sacrariamente guardados. Por isso é que elle não dorme, nem chega a cerrar as palpebras; é por isso que eu tambem não durmo, embora, á hora do somno, tenha fechados os olhos.

O que não sei é contar a ninguem o que se contem nesse repositorio de reliquias delicadas, que ahi vivem para me trazerem o coração afflicto, assustado, inquieto e perturbado, sem repouso e sem calma, sem descanso e sem paz!...

L. DE ASSIS.

SUSPENDEMOS a remessa do "Jornal das Moças" a alguns agentes em atraso e que não corresponderam ao nosso appello para saldarem os seus debitos. Os nossos leitores ficam previnidos que a ausencia desta revista em algumas localidades é devido a este motivo.

O "Jornal das Moças" não tem agente viajante.

Jorge, Georgina, Esmeralda, Celina e Estacilio Firmino, filhos do Sr. João Firmino, electricista do *Correio da Manhã.*

Cartas de Amor

A' Primavera.

Que contraste! Que extraordinario contraste entre a tua crystalina e deliciosa risada de quando estás ao meu lado, fugindo aos meus affagos, e as tuas cartas tão tristes!... Esta, que ainda ha pouco tremia entre os meus dedos, quanta dôr ella encerra, quanta lagrima entrevejo nos pontos, nas reticencias, nas exclamações! Certo, foi sob o dominio do pranto que compuzeste a metade desta cartinha que cobri de beijos; sim, a dôr que ella revela, a luta insana que travaste entre a razão e o coração só poderiam ser traduzidas pelas lagrimas, por essas lagrimas de amor que eu sorveria em meus labios, si pudesse esconder-me nas dobras do teu lencinho! Encanto de minha vida, adorada Primavera, o teu Amor tem a alma muito infantil porque até agora apenas balbuciou: quando souber fallar, como espera, tu, querida, exultarás de alegria, porque, emfim, terás a convicção da grandeza do meu amor por ti.

Ao terminar a leitura de tua carta, tambem chorei... Perdôa essa fraqueza de quem espera uma fortaleza para te amparar.

Mas foi tão forte a sensação que senti, que as lagrimas saltaram-me dos olhos impulsionadas pelo coração. Ellas patentearam bem a pujança e o culto do meu amor por ti!

O teu gesto sublime, o teu martyrio, minha Primavera, como eu o vejo atravéz das minhas lagrimas de amor! Esquece todos esses soffrimentos e crê no meu affecto. Elle é a encarnação de um verdadeiro amor, affectuosissimo, não com a preoccupação unica da materia, mas com um grande factor de alma!

Suppuzeste encontrar em mim um homem vulgar, sujeito ás leis da natureza e ás dos máos costumes reinantes nas sociedades modernas; acreditaste no que diziam as boccas maldizentes; julgaste-me como um tropeço dos muitos que a mulher, em geral, encontra em seu caminho; mas hoje atrevo-me a dizer que já não o pensas mais!... Dize-me que sim...

Primavera, meu querido anjo, crê e retribue o immenso affecto que te dedica o teu

AMOR.

30—12—915.

O DESMAIO DA TARDE

A luz desmaia... vai morrer o dia...
Já das aves o canto não povoa
A lucida amplidão... Uma agonia
Perpassa no ar e vae boiando á tôa...

Dos labios do christão a prece vôa,
Um sino vibra além... Ave-Maria,
Ascendendo ao espaço, ao longe echôa
No abandono da Tarde fugidia...

Nesse momento a Terra tem arquejos,
Sua mudez é um mixto de desejos,
De magua, de receio e de anciedades...

Ha brilhos de astro pelo Azul sidereo,
A noite desce envolta no Mysterio,
Povoa-se a nossa alma de Saudades...

Carangola.

FLAVIO LEAL.

PARTINDO...

Lenços em movimento, olhos chorosos,
Seios pungidos de intima tortura,
Corações a gemer angustiosos,
Cheios de pranto e cheio de amargura.

Longos, tristes suspiros, dolorosos
Ais, onde vibram dôr e magua pura,
Tudo que faz soffrer a creatura,
Tudo que corta corações saudosos;

Um fundo, atroz, cruel padecimento,
Um deshumano, barbaro tormento,
Que, mudo como é, consome a vida;

Eis o que vê e sente a infortunada
Alma, que parte afflicta, acabrunhada,
No momento fatal da despedida!...

Agosto, MCMXV.

CELIO FERREIRA DA COSTA.

A' UMA PIANISTA

Basta ver essas mãos correndo no teclado
Do pallido marfim desse harmonioso piano,
Para sentir, em flor, o mundo illuminado
Do sol da primavera, excelso e soberano.

E' todo o céo azul! E' todo azul o oceano!
A terra é um paraiso, com que fico encantado...
A musica baixou do céo saphyrisado
Para inundar de amor o coração humano.

Puras mãos idéaes! Oh! santas mãos formosas!
Vós traduzindo a dor, fazeis minha alegria...
O' mãos, podeis brincar com gemmas mais preciosas

Com que gosto do mundo os faustos deixaria,
Si soubesse que vós me esfolharias rosas
Quando um dia eu jazer por sob a terra fria!

ERNESTO ANTUNES.

POSTHUMA!

Entre nós dois, mais nada... Um tumulo somente
Como balisa emfim ás nossas pretenções...
Flores, castellos no ar, chimeras illusões,
Tudo perdeu-se já no pelago silente...

Entre nós dois, mais nada... Apenas brandamente,
Arquejando de leve em nossos corações,
Um resquicio talvez de antigas emoções,
Cantando em funeral um «requiem» tristemente...

Ha como um cemiterio em nossa alma cançada,
E dentro delle, então, numa alvura de altar,
Vens-me ao olhar, á luz, toda em luz circumdada...

Uma saudade então, sob a luz do luar,
Resguarda um sonho, um beijo, uma illusão, mais nada,
Na funebre mudez de um Nirvana polar!

MARIO MENDES CAMPOS.

ULTIMO DESEJO

Quando meu fado fôr cumprido, quando
Minh'alma celere ascendendo aos ares,
A brancura das nuvens, fôr transpondo,
Em busca do ideal, de outros sonhares.

Quando meu corpo, a campa fôr baixando,
E que de mim, só reste, os meus cantares,
Como a saudade rutila, lembrando...
Desta vida tão triste os meus pezares.

Não quero que o tristonho passamento,
Faça teus olhos emergir de prantos,
Numa explosão de dôr, de soffrimento.

Quero que as vezes, num scismar, disperso...
Lendo estas rimas dos meus pobres cantos,
Sintas minh'alma palpitar no verso.

OSCAR MEIRA.

NOS ALPES

Altiva dama de feições mimosas
Pede, ardendo nas lavas do Cynismo,
Ao fido amante uma daquellas rosas
Que, roxas, abrem no cairel do abysmo

E o moço galga escarpas escabrosas,
Dando provas de mystico heroismo,
Para colher uma daquellas rosas
Que, raras, abrem no cairel do abysmo.

Eil-o que volta, emfim, afflicto, exangue
De vivas chagas borbulhando sangue,
Agonias curtindo em paroxismo,

E aos pés da dama de feições mimosas
Depõe, morrendo, uma daquellas rosas
Que, rosas abrem no cairel do abysmo!...

ARCHIMINIO CAIO.

Paginas da Alma

B. dos Alpes

A' illustre professora
Mlle. Helena D. Nogueira

VALSA

Fim

Bem ligado

1ª
2ª
D. C.
al

Photographia tirada na residencia do Dr. Annibal Fernandes Pinheiro, por occasião do anniversario de sua dilecta filha Mlle. Lisota Pinheiro, a que está marcada com uma cruz.

O RISO

Vemol-o sempre affluir em todos os labios; vemol-o esboçado em todas as physionomias, mas não o podemos comprehender.

E' preciso que sejamos habeis psychologistas para o reconhecermos quando ironico, quando banal e quando natural...

E o que synthetisa o riso?...Uma impressão que se não póde calar em nosso organismo, e que, involuntariamente, somos obrigados a external-a? Não. A sua concepção é mais ampla que a que suppomos.

Algumas vezes o exteriorisamos laconico e faceto; outras ha, porém, que o sentimos hypocrita, vilipendioso e nojento. Nessa phase, então, é o riso mais ferino que o punhal agudo dum facinora, porque o punhal vibrado pelo braço inimigo rompe as carnes e penetra no coração produzindo a morte instantanea; o riso hypocrita, ao contrario, agita toda a nossa organisação, fere intimamente a nossa alma, irrita covardemente os nossos nervos e proporciona-nos uma morte lenta e martyrisante.

Um riso ha, entretanto, que se não confunde com os demais —o riso natural.

Este é bello e puro. Exprime com clarividencia uma alegria indomita; exporta do nosso interior a confiança cabal da nossa attitude, confirma a nossa opinião e solidifica o élo harmonico que une todas as almas de conformação superior.

Cegecê — (São João).

Pureza de vida

Puresa de pensamento, palavras e acções! Que joias preciosas! E que raras que são ellas no sexo *mais forte*.

Por *puresa* não falo aqui de uma qualidade ou virtude *com sexo*: — refiro-me ao significado proprio da palavra.

Nesta época, ainda tão rude, tão cheia dos acidos da ignorancia e dos prejuisos, temos o costume de dividirmos as virtudes pelos dois sexos. Homens ha que querem rivalisar em bravura com os grandes personagens da historia, e que não se dão ao menor abalo com a puresa de seu coração. E senhoras conheço eu que desejam ser perolas limpidas, porém que são o suprasummo da cobardia.

Ora, emquanto aquelles cultivarem qualidades que se julga assentar mal á mulher e vice-versa, andamos num zig-zag continuo, e um dos sexos será victima do outro.

Porque é que exigimos que uma senhora seja pura e não exigimos a mesma coisa do homem ?

Para mim, o grande homem do mundo foi Nosso Senhor Jesus Christo: ninguem ha de accusal-o de afeminado: e entretanto, o que é que o faz typo mais varonil da historia da humanidade, sinão a sua puresa? O homem se gaba de ser o mais forte, de ter o caracter mais robusto do que a mulher; diz que suas tentações são muito maiores; pois é por isso mesmo que elle deve usar a sua força superior em sobrepujal-as.

Ha rapazes que julgam ser muito bonito esbanjar a vida dissolutamente. Mas elles não conhecem a natureza humana: a verdadeira mulher não póde jámais gostar de um libertino, ao passo que adora o homem puro de coração.

Entre a gente mal educada é costume entreterem-se conversas impuras, ás vezes com phrases refinadas e ambiguas, outras vezes com grande desenvoltura, — mesmo em presença de creanças. E' em favor destas que escrevo estas linhas. Ninguem tem o direito de lhes corromper a alma, ainda mesmo os proprios paes. Um gracejo indecoroso, um trocadilho perverso póde ter grande influencia no espirito subtil e impressionavel da gente moça, e nem por serem creanças devemos ter menos cuidado em fazel-os crescer com idéas puras. A modestia, o pudor, a puresa não são monopolios do bello sexo. Não ha bello sexo, de facto: ambos são bellos, conforme os individuos.

Dir-me-ão que os paes não podem saber si os filhos pensam bem ou não. E' exacto. Mas o que se requer agora dos paes è que na sua propria vida, nos seus gestos, nas suas palavras não lhes deem occasião de pensar em nada que seja torpe. Com o espirito subtil que têm, os meninos reconhecerão muitas vezes que os paes desviaram certa conversa do seu curso natural, e perceberam qual o motivo. Isto, porèm, da-lhes idèas elevadas do respeito que devem a si proprios, como creaturas moraes, ao passo que seu coração, assim elevado, não póde deixar de sentir-se grato pelo signal de respeito que seus paes lhes deram da mesma maneira.

* * *

UM INGLEZ

Dois officiaes conversavam num café em Paris:

«Elle virá cedo» diz um delles. A estas palavras, um estrangeiro sentado em frente numa mesa visinha, diz num tom fleugmatico: eu venho, tu vens, elle vem, nós vamos, vós ides, elles vão.

Um dos officiaes approxima-se e lhe diz:

—O sr. falou commigo?

—Eu falo, tu falas, elle fala, etc.

—Deixe este homem, diz-lhe o outro, elle está maluco.

O quidam recomeçou:

—Eu estou maluco, tu estás maluco, elle está maluco, etc.

—Com mil bombas! Replica o official, não me deixo insultar a tal ponto; nós queremos ver se o sr. maneja tão bem a espada como a lingua.

—Eu manejo, tu manejas, elle maneja, etc.

—Está bem, siga-me!

—Eu sigo, tu segues, elle segue, etc.

No campo do duello: Apara lá, exclama o official.

—Eu aparo, tu aparas, elle apara, etc.

—Eu queria cortar-te a lingua!

—Eu corto, tu cortas, elle corta... «A estas palavras, o desconhecido fere o official, e, com a honra vingada, elle accende tranquillamente um charuto. A testemunha do official, diz-lhe então:

Eu vejo bem que vós sois um homem de bom senso.

—Eu vejo, tu vês, elle vê...

—Explicae-vos.

O official impaciente, pergunta delicadamente ao desconhecido si elle era inglez, por acaso.

—«Yes, diz o desconhecido, e como eu desejo aprender o francez, meu professor me disse que eu conjugasse todos os verbos francezes.»

(Traducção).

MOACYR RANGEL.

Sta. Cecila de Souza, intelligente alumna da Escola Modelo do Riachuelo, e seu irmão Newton, filhos do pharmaceutico sr. Candido Gabriel de Souza.

A rosa e o beija flor

Certa manhã primorosa
Um travesso beija flor,
Enamorou-se da rosa
Jurando-lhe terno amor.

Entre beijos de ternura
A rosa disse: «Meu bem,
Tu serás minha ventura
Eu serei tua tambem».

«Neste arrebol escondida
Da meiga briza esquecida
Não posso gosar a vida
Que gosam as outras flores.

Vivo sosinha no galho
Sem ter siquer agasalho
Quasi sem luz, sem orvalho
E quasi sem ter amores!...»

E neste queixume a rosa
Relatava ao beija flor
A sua vida saudosa
E cheia de magua e dor!

«Bem, lhe disse o passarinho,
Agua aqui sei que não ha,
Vou beber lá no caminho
E juro que volto já».

E partiu, o jardineiro
Passeando por alli,
Exclamou ambicioneiro:
«Que bella rosa está aqui!»

E zás, a amante querida
Elle cortou sem sentir,
E a pobre rosa, sem vida
Ao solo deixou cair!

Pouco depois um momento
O louco amante voltou,
Então com que sentimento
A sua falta notou!

....

A tarde já agonisava
E o beija flor na roseira,
Amargamente chorava
A falta da companheira!

A briza embalando a fronde
O fragil galho pendeu,
«Onde estás, rosa, responde?
E a brisa lhe diz:—morreu!

Rio, 28—10—1915.

GUMERCINDO RETCHMANN.

Diva Fonseca, galante e intelligente filha do sr. João Rodrigues da Fonseca, fiel do thesoureiro do Thesouro Nacional e leitora do *Jornal das Moças*.

Sem mãe...

A' Maria, Armia, Adalcy e Alayde

Eil-as sem mãe! Aquelle anjo de bondade que lhe suavisava as agruras d'esta existencia ingrata e amarga, partiu para nunca mais voltar.

Partiu aos páramos do infindo, onde ha mais luz, mais amor. mais felicidade!

Desprezou a terra, para habitar o mundo santo, longe muito longe de todas as illusões da vida, d'esta vida toda hypocrisia e falsidade!

Vós que vivieis idealisando mil sonhos infantis, não podeis por certo avaliar tão amargo e acerbo golpe; porém chorando sobre a campa d'aquella que tanto vos amava, percebereis apezar das vossas tenras idades, o vacuo que o destino implacavel, deixou em vossas almas. Perdestes aquelle thesouro quando mais o precisaveis—na quadra formoza da primavera da vida.

Chorai pobrezinhas, que é este o unico refrigerio ás vossas penas; chorai, orphanzinhas e sobre o tumulo de vossa mãe, desfolhai saudades—a flor dos tristes—e que n'estas flores transparecido esteja o soffrimento, que não podem patentear os corações infantis...

ZILÉA.

Niteroy.

A berceuse de Luizinha

(BALLADA)

Quando pequeno, minha mãe contava-me historias maravilhosas de fadas de olhos azues e de pequenos genios que não tinham azas como suas irmãs — as sylphides —, mas duas petalas de rosa cada uma, duas petalas de rosa branca sobre suas espaduas de neve.

Era a mamãe que annunciava a primavera ás moças d'Aldêa, a volta das andorinhas e os bellos dias em que se vivia á sombra das arvores. Ella explicou-me os amores secretos das violetas e das libellulas, e a causa do ruido nocturno dos genios errantes, ao clarão da lua.

«São as fadas, dizia-me ella, são as fadas que se banham, pois ha esta noite um noivado sumptuoso no paiz do sol, o noivado de uma pequena estrella, que tem quinze seculos». E mamãe mostrava-me, com a ponta do dedo, no nevoeiro da noite, alguma cousa igual a uma cabelleira fluctuante bue eu tomava por fadas encaminhando-se para a pequena alcova nupcial da pequenina estrella.

Mais tarde, em sonho, eu via a noiva, sob um véo de bruma, coroada de pedaços de aurora, e depois as coisas exquesitas—uma turba de velhos cometas tremulantes, já pardacentos por causa do orvalho que elles bebiam no tonnel radiante do arco-iris. Mas... eu gostava muito mais dos contos de Luizinha, a pequena Luizinha, uma orphã achada por meu pae á margem do caminho. Era tão melancolica, a pequena! Tinha a voz tão queixosa quando ella me contava *a tristeza das almas amorosas que meus olhos se enchiam das mais ternas lagrimas*.

Luizinha! Luizinha, minha doce companheira! Eu me lembrarei sempre de ti, pois a musica de teus labios tão roseos sôa ainda a meus ouvidos!

Pobresinha! Ella afogou-se no rio da Aldêa, deixando estas palavras escriptas na casca de um velho carvalho:

«Eu vou procurar mamãe». E seu nome «Luizinha».

A berceuse de Luizinha

E' noite. Na cabana de folhas de carvalho as creanças tiritam de frio.

— Não ha mais tições no fogo e mamãe não volta! Que vamos fazer agora, Janjão?

— Sei lá, manoca.

— Queres dormir? Vamos cantar! O somno é a ceia das creanças pobres. Serra-te contra meu peito, Janjão. Não é preciso chorar. Mamãe não tarda.

. . . .

— Pan! Pan!

— Batem, manoca.

— E' a neve, maninho.

. . . .

— Pan! Pan!

— E' ainda a neve, manoca? Não... é mamãe. Abre a porta...

— Quem bate?

— Sou eu, tua mãe!

A velha entrou, o sacco ás costas, branca de neve, fula de fome. Quando ella poz o sacco sobre a mesa, do sacco saiu um grito doloroso.

— Mamãe, que é que tu nos trazes no sacco? E' alguma creança que tu achaste... Ella chora, coitada!

— Não, não é uma creança achada... é a esmola das arvores.

— Fructos?

— Não. Passaros e seus ninhos. Os ninhos para o fogo, os passaros para a ceia.

E, pipillando, os olhos fechados, molhado de neve, um rouxinolsinho saiu do sacco, depois uma cotovia, depois um pardal, dois pombos e uma pequena toutenegra moribunda.

— Janjão?

— Mamãe?

— Faze fogo com a palha dos ninhos.

E a velha collocou nas mãos do pequeno somnolento os destroços dos ninhos.

Mas, de repente, uma voz chorosa poz-se a cantar timidamente sobre a janella da cabana. Era a voz de um rouxinol.

E a velha, toda tremula, poz as pequenas aves nos ninhos e abriu a janella aos paes anciosos.

Um ruflo de azas invadiu a sala sombria e pauperrima. Os grilos calaram-se em suas cavas.

Gritos de alegria e pipillos agudos soaram de toda a parte, e o bando garrullo e festivo tomou o caminho dos bosques, os ninhos sobre o dorso, expostos á neve que caía.

Foi uma noite esplendorosa! O vento funebre passava agora tão doce como uma voz infantil. A neve desappareceu dos arredores e as creanças tiveram sonhos côr de rosa, onde pequenas camponias aladas lhes offereciam leite em pequenas amphoras cinzeladas de prata.

De manhã, ao despontar da aurora, a cotovia veiu cantar sobre o tecto da choupanha.

A cotovia

Vamos, creanças! A aurora,
Do sol o botão rosado,
O céo tranquillo colóra,
Já tendo a noite exilado.
O pastor deixa a lareira
E o seu rebanho já guia!
Brejeiro, vem, vem, brejeira!
Como é bello o dia!

O rouxinol

Eu te prometto, fiandeira. a esmola,
Porque tu bem sabes que te voto affecto,
De ir entoar sempre linda barcarola
Todas as manhãs sobre teu velho tecto.
Pr'a fazer que durmam esses teus filhinhos,
Pr'a que teu casal socegue a noite inteira,
Eu cantarei sempre, velha fiandeira...
Eu daqui te juro pelos nossos ninhos!

Os passaros

Então, velha, dae-nos os nossos filhinhos!

Cotovia

Sim, eu te prometto, minha velha amiga
Porque tu bem sabes que te voto affecto,
De ir entoar sempre festival cantiga
Todas as manhãs sobre teu velho tecto.
Para que despertem esses teus filhinhos,
Pr'a que teu casal veja a manhã fagueira,
Eu cantarei sempre, velha fiandeira...
Eu daqui te juro pelos nossos ninhos

Os passaros

Então, velha dae-nos os nossos filhinhos!

O vento

Nunca mais ouvireis meu duro açoite
Durante a noite!

A noite

Darei sonhos encantados
Emquanto este frio impera,
E os dois, co'os olhos fechados,
Verão sempre a primavera!

A neve

Não ouvirei mas seu chôro,
Para longe irei tombar.

O crmpo de trigo

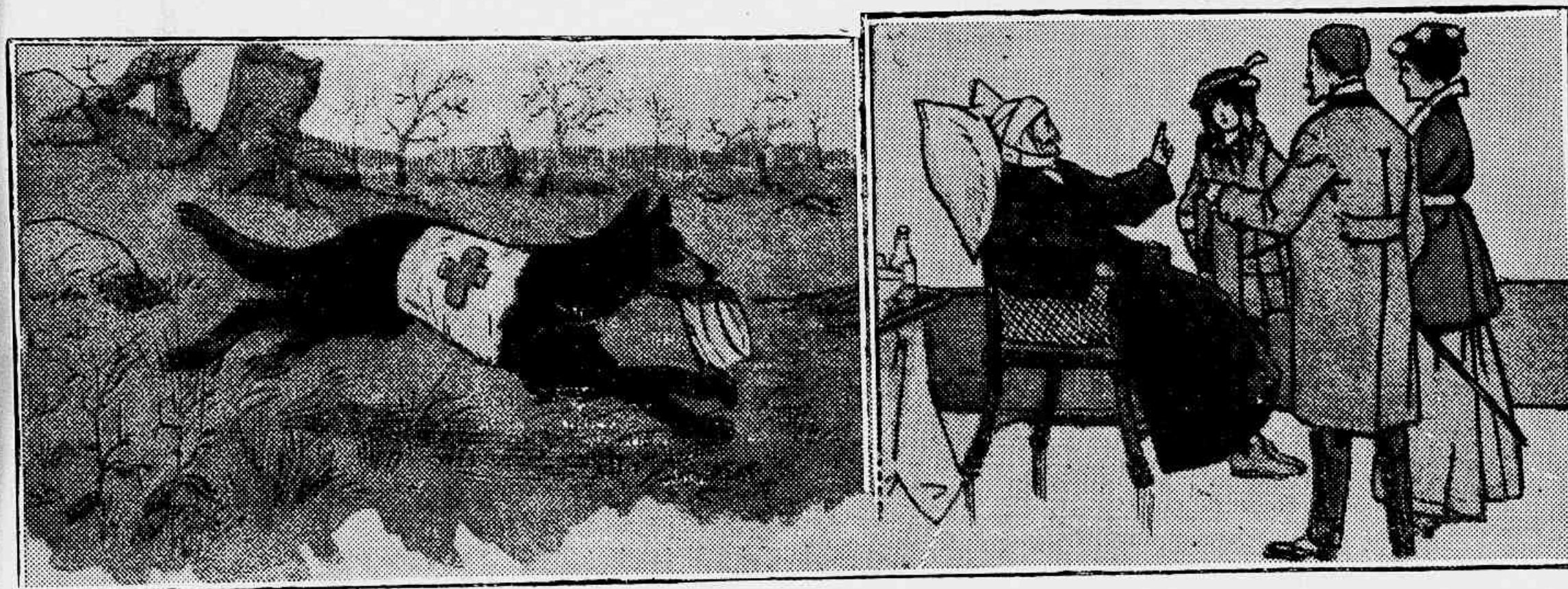
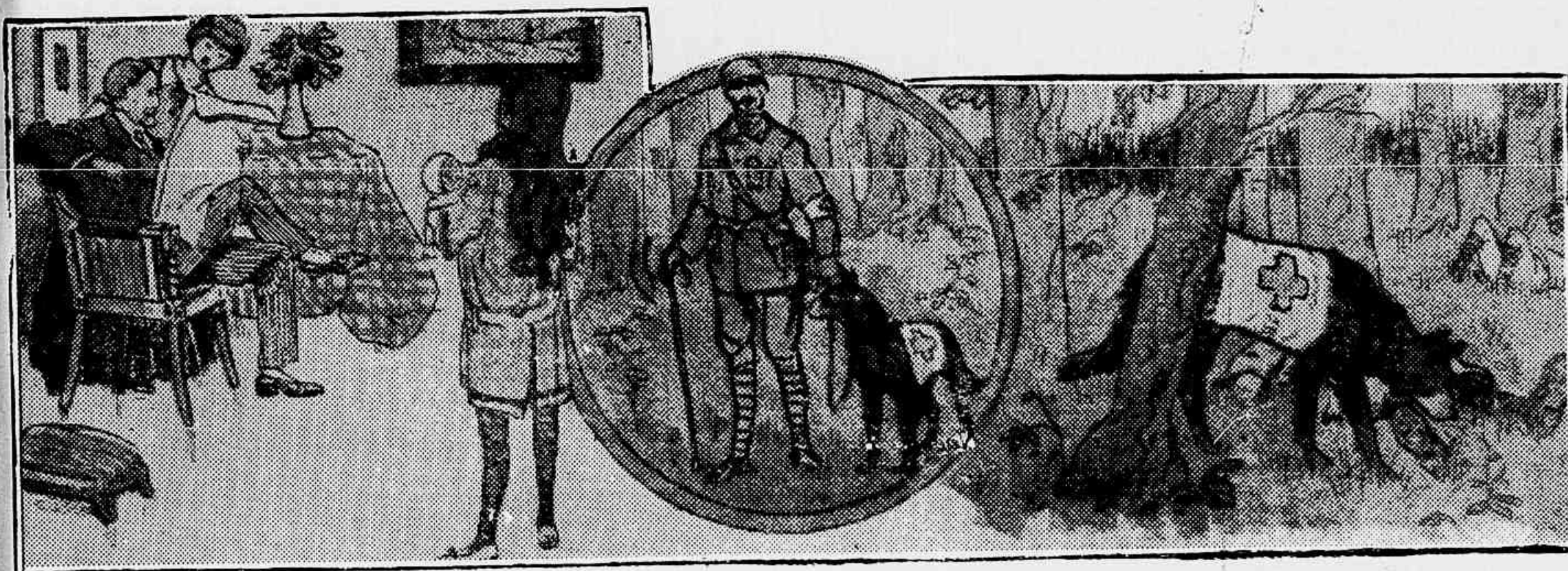
Com minhas espigas d'ouro
Sua fome irei matar.
Bom dia, creanças! ó velha, bom dia!
Pan! Pan! Pan! Pan! Pan!
O lavrador com a lavradora
Já de manhã
Fazem colheita pr'a todo o dia!

E quando os dois pequenos saíram da cabana, o trigal cheio de espigas de ouro, estava coberto de passaros, que os saudaram, lavrando tudo com a ponta de suas azas.

. . . .

Qsando a velha morreu, as suas creanças, Annette e Janjão, casaram-se. Ella com o principe do paiz das Pombas, Elle com a princesa das Acacias. Luizinha dizia sempre maravilhas incriveis do festim. Bebeu-se vinho de rosa e um licôr exquisito, feito do succo da violeta branca.

(Trad.) RICARDO BARBOSA.

TUG, O BOM CÃO

DEPOIS de seus paes, a maior affeição de Raymunda era seu jovem tio Mauricio que a tratava como a uma irmã. Elle fez-lhe presente d'um bello cão Tug, ao qual a menina pregava excellentes partidas. Mas eis que o tio Mauricio partiu para a guerra, Raymunda sentiu bastante tendo derramado abundantes lagrimas ao dizer-lhe adeus. Um dia ella ouviu seu pae ler para sua mamãe um artigo no qual pediam cães amestrados para o exercito. «Se eu fosse Raymunda, disse papae, daria Tug». A menina desmanchou-se em lagrimas. Dar seu querido Tug, o presente de seu tio. Ella jámais se decidiria. Entretanto reflectiu que era muito feio ser egoista principalmente em semelhantes occasiões e fez o sacrificio. Tug foi enviado para a frente do exercito, encarregado de procurar os pobres feridos que muito enfraquecidos, para gritar arriscavam-se a ser esquecidos. O valente cão adaptou-se ás maravilhas a sua tarefa. Um dia descobriu assim um ferido sem sentidos. Elle chorou, lambeu-o soltando pequenos gemidos porque o reconheceu, era o tio Mauricio, que voltava á vida sob os carinhos do nobre animal. Tug apanhou o kepi do moço e correndo levou-o á ambulancia onde se fez comprehender. Os enfermeiros solicitos foram procurar o ferido. Tug salvou-lhe a vida. O tio Mauricio estava n'um hospital de Paris onde recebeu a visita de sua familia. Elle contou como fôra salvo. Calculem, meus amiguinhos como Raymunda ficou satisfeita de não ter sido egoista. — ZILAH.

TORNEIOS CHARADISTICOS

Segundo torneio. — As decifrações do desempate foram recebidas no dia 16 do mez findo, não concorrendo a charadista Ailez.

As cartas tiveram entrada na nossa Redacção na seguinte ordem: de Euterpe, em primeiro logar; de Menina de Chocolate, em segundo; depois, de Colibri e Chrysanthéme d'Or.

Foram, portanto, vencedoras as collegas Euterpe e Menina de Chocolate, em primeiro e segundo logares, respectivamente. Ailez obteve o premio do melhor trabalho publicado.

Convido as illustres e distinctas collegas a virem receber os premios em nossa Redacção, quinta-feira, 20 deste mez, das 15,30 ás 16 horas.

Terceiro torneio. (*) — Até ao dia 20 deste mez são recebidos os votos para o melhor problema publicado nesse torneio.

Apresentamos os problemas abaixo para o desempate entre os interessados.

O praso para as decifrações termina no dia 22 deste mez, ás 13,30. Não serão acceitas cartas pelo Correio. Os interessados deverão incluir em suas cartas as decifrações de seus trabalhos e as explicações necessarias.

Logogripho por letras

Para comprar o *animal* — 10 - 4 - 12 - 1 - 9.
Dei *moeda* de valor; — 13 - 2 - 7.
E no *rio*, por signal, — 6 - 3 - 15.
Achei a *planta* sem flor. — 8 - 11 - 5 - 14.

O logogripho eu formei
Do *nome da boa amiga*
A quem sempre venerei
Por ser amisade antiga.

Noemia B.

Charada invertida por lettras

5 — Voltejam, em espiraes,
Os pares bem enlaçados,
Entre perfumes e flores
E sonóros madrigaes...
Ante a mulher subjugados
Pelo riso e seus odores.

Euterpe.

Charada antiga

Chloris, Colibri, Chrysanthéme,
Noemia B., Mysteriosa,
Euterpe e M. Angouléme
Vão se encontrar em polvorosa.

Da agulha pelo seu fundo — 1
Passarão, como me apraz,
A caverna do outro mundo — 2
Onde impera Ferrabraz.

Astucia, manha, ardileza
(E de certo algum receio)
Hão de empregar com certeza
Para figurar no torneio.

Menina de Chocolate.

(*) Os versos sem metrica não foram modificados para não haver alteração dos conceitos.

Charada em quadro por letras

E' um primor este fogareiro,
Que numa grande praça encontrei,
Junto ao rio limpido e altaneiro
Da povoação em que morei.

Chrysanthéme d'Or.

Charada syncopada

Não é preciso astucia nem canceira
Para ser esta charada decifrada;
Apenas digo ás collegas que a brincadeira
4 - 2 — No cerebro da mulher é encontrada.

Chloris.

Charada média

E' muito engraçado este caso:
5 - 2 — De muitas cores tenho um vaso.

Colibri.

Charadas em anagramma

7 - 2 — A mulher não toma bebedeira.

M. d'Angouléme.

Charada metathetica

7 - 2 — O homem foi expulso.

Mysteriosa.

QUINTO TORNEIO

Problemas ns. 17 a 20

Charadas novissimas

1 - 1 - 2 — Alaide, tem paciencia, o tempero guardei no vaso desta senhora.

Arlinda Lima.

1 - 1 — Aqui repousa quem eu amei na illusão de que fôra uma flor.

Zalair.

Pergunta enygmatica

Ao illustre mestre Orama,
A's minhas gentis collegas,
Companheiras de refregas
Desta adorada secção,
Almejo muitos bons annos,
Com prazeres mil, insanos
E ledos de coração.
Onde está o adorno?

Violeta.

CORRESPONDENCIA

Pasquinha — Como vêdes, é grande a vontade de attender ás solicitações, mas a falta de espaço obriga-nos a não satisfazel-as. Promettemos a publicação, porém esquecestes de enviar a decifração do trabalho.

Farfalla Azzurra — Da mesma fórma das novissimas.

Leduc — Contaremos os pontos dos problemas ns. 52 e 53 a todas as collegas.

Eumenides — Perdoai-nos, a secção é sómente para o bello sexo.

Celina — Não recebi o enygma a que vos referis.

Ninniha, *Zalair* e *Arlinda Lima* — Recebemos.

Olympique-Trio, *Noemia B.*, *Violeta*, *Pasquinha*, *Mlmi*, *Chrysanthéme d'Or*, *Mysteriosa* e *Chloris* — Agradecemos os votos de "Boas festas" que nos foram dirigidos e ás collegas que abrilhantaram esta secção.

Orama.

COUPON
Torneio charadistico para moças
Voto no problema n.º
....

COUPON
Torneio charadistico para moças.
15—1—916

Correspondencia do JORNAL DAS MOÇAS

A. GOUVEA—As suas parelhas poeticas nem sempre marcham de pés combinados.

E.—Acrosticos formados de flores só serão publicados, agora, si vierem em versos.

TIJUCA—Porque não aprende primeiro a lingua materna, para sô depois dedicar-se ás estranhas?

DE QUEM SERA'?— O seu original romance em 8 linhas teve peior emenda que o soneto.

MENTORA—Sem alguns retoques, o seu *Retrato de Pasquinha* não poderá ser publicado.

LUCIO LIMA—Bem o sou soneto. Será publicado em tempo opportuno.

DEJANYRA DE ALMEIDA—Bem acolhida a sua *Comedia humana*. Breve, vel-a-á ornando as paginas desta revista.

JUQUINHA—*Bangú*—O seu soneto *Lia* vae ser publicado.

J. A. S.—Bemfeita a traducção da *Bolsa de purpura*. Vae sahir num dos primeiros numeros desta revista.

A. PESSOA—Um assumpto tão delicado, como o da sua poesia *A Rosa e o Cysne*, requer mais belleza e arte no seu desenvolvimento e versos com metrica mais acceitavel.

C. V.—O seu soneto *Cely* não se recommenda pelo merito litterario.

C. SANTOS—Que pena, nesta quadra estival, não poder ser aproveitado o seu *Leque!*

FLAVIO LEAL—*Carangola*. O seu soneto está aguardando apenas o preciso espaço no primeiro numero de nossa revista.

E. NUNES—*Rio*—A rima *abscondas* de seu soneto está errada: a palavra é *absconsa* ou *abscondita*, nunca, porém, como foi empregada na sua producção poetica.

O outro soneto *Cysne* traz um estylo arrevesado e uma adjectivação nem sempre accommodada ao assumpto.

PEREIRA BASTOS—A sua poesia *Versos de um triste* está bem feita e vae ser publicada.

ELZA N.—O *Natal tristonho* perdeu a opportunidade. Os Postaes resentem-se da falta de interesse.

J. MACEIO'—A sua *Lagrima* não está bem descripta. Vamos publicar, logo que haja espaço, a sua *Reminiscencia do passado*.

RANGEL—A sua missiva amorosa está aguardando apenas espaço nas columnas desta revista.

AOZINHA—O seu Ao *"O"* está tetrico de mais. O pessoal da redacção ao lel-o, sentiu os cabellos a eriçar-se-lhe. Suavise mais o estylo.

P. BARBOSA—Assumpto como o dos seus *Contos á lareira* só tratados com muito carinho.

MEIGA—*As Recordações* não ficaram no esquecimento. Aguardam apenas espaço,

URZE—O seu *Postal* sobre a instrucção póde ser substituido por outro melhor, que nos vae enviar com certeza.

DUAS BANDEIRAS—Ha engano por força por parte do autor ou autora do *Postal* a O. Britto. O *Jornal das Moças* não póde absolutamente servir de vehiculo a desabafos de tal natureza,

OLLYREP—Porque não cultiva de preferencia a proza? Talvez lhe fosse mais propicia a carreira das lettras...

ALVARO C. P.—O seu soneto *Annita* e *Hercilia* precisa de alguns concertos.

OLLYREP SENQIRNEH—O postal *A alguem* está longo demais para a secção «Bilhetes Postaes».

DR. CARLOS LEAL—Estão bons os versos *Tristezas*.

IRACEMA C.—O soneto *Por do Sol* precisa alguns retoques para ser publicado.

GURMERCINO RYCHMAN—Estão regulares os versos de sua poesia *No tumulo da minha irmã*.

ZAIZA SILVA—Pedimos-lhe o obsequio de escrever em tiras de papel e de um só lado—Aproveitamos o postal.

KUITA—As suas quadrinhas necessitam de alguns pequenos rotoques; faça-os cuidadosamente e volte...

ELVIRA V.—Passe a limpo os seus versos e justifique a autoria...

OCTAVIO BRITO—A poesia *Ante uma photographia*, dedicada a senhorita M. A. C., está boa, mas um pouco longa para o espaço agora disponivel.

PACIFICO A. G.—Escreva em prosa porque nos versos o Snr. não vai lá das pernas. E depois que idéa esquisita essa de mandar o soneto *Belleza dos Sexos* para o *Jornal das Moças?* Vamos reproduzir aqui o ultimo terceto para que os leitores avaliem quanto nos custa este *posto* de sacrificio e o que temos de aturar:

"O perú, e muitissimo ainda,
Sempre a femea que o macho é menos linda,
E entre nós a mulher seria mais bella?"

Parece até caçoada! Triste sorte a de quem precisa ganhar a vida honradamente...

C. CIPO'—Os seus sonetos não preenchem os requesitos indispensaveis para a publicação nesta revista.

ZILÉA—E' pena V. Ex. não cuidar mais do estylo dos seus escriptos, pois é patente pue V. Ex. tem imaginação e preparo intellectual. Aprimore mais os seus trabalhos que teremos muito prazer em publical-os. Si nos manifestamos assim, com esta franqueza, é porque vemos que V. Ex. promette.

COLARS—O soneto *Na praia* não está bom.

ISAC P. G.—Versos sem metrificação não podem ser acceitos.

PASQUINHA—Está muito fraquinho o seu soneto.

LAUDELINO LUCAS—E' preciso que saiba tanger a lyra com mais inspiração e mais vigor.

SALÃO NAVAL

DE

MANOEL VAZ

Cabelleireiro para Senhoras e Manicura — Completo sortimento de Postiços

ATTENDE-SE A CHAMADOS A DOMICILIO

148 — OUVIDOR — 148

Entrada independente pela Casa Carmo

Telephone 5107, Norte :: :: :: RIO DE JANEIRO

SER CHIC!!

Só UZANDO o

R. 7 de Setembro, 113

CASA PAZ

Grande sortimento de chapéos para senhoras e senhoritas, ultimos modelos, elegantes, chics e baratos.

Enorme sortimento de fôrmas e toda a qualidade de enfeites para a confecção de chapéos, tudo na ultima moda.

PREÇOS BARATISSIMOS

Reforma, lava e tinge

Rua 7 de Setembro, 163

(Em frente ao Parc Royal)

Medalha de Ouro

Conquistada na Exposição de Roma de 1914

Experimentem o saboroso pão da

PADARIA DA ROSA

RUA DO CATTETE, 112 — Telephone 2856-Central

* **J. Augusto Esteves & C.** *

RIO DE JANEIRO

BOAS FESTAS

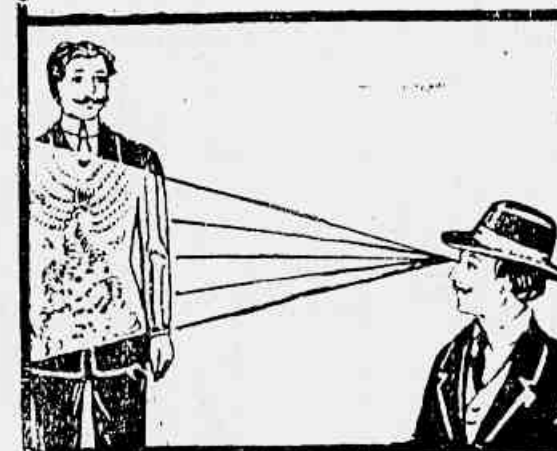
Um par de borzeguim

Modelos Gigolettes, 25$ e 30$

OURIVES, 25 — AVENIDA, 52

CASA SPORTMAN

Tel. 2419-Norte M. Mattos

O PODER OCCULTO QUE PROTEGE E FAVORECE

Para Atrahir Facilmente Dinheiro-Saude-Felicidade

Uzae os Accumuladores Mentaes

O ambiente magnetico invizivel toma as fórmas dos pensamentos humanos; e, se os pensamentos forem condensados nos **Accumuladores Mentaes**, adquirem, a maneira de vapor condensado em locomotiva, um potencial consideravel agindo como torpedos inteligenciados pela intenção que os creou, e portanto trabalhando como espiritos no mundo invizivel ate realizarem qualquer dezejo da pessoa que compra os Accumuladores.

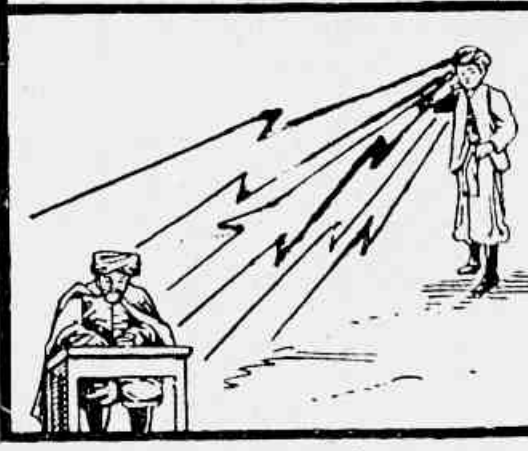
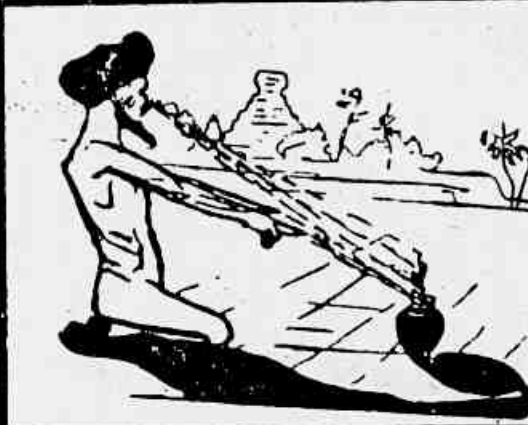
O **Accumulador n. 5** faz entreter amor ou harmonia, neutralizar males de inveja, odio ou sortilegio.

O **Accumulador n. 6** faz ter sorte em emprêgos, ser feliz em negocios ou em qualquer profissão.

Um Accumulador sozinho dá rezultado; mas os dois (ns. 5 e 6), quando estão reunidos em poder de uma mesma pessoa, servem tambem para hypnotizar ou magnetizar facilmente, curar somente com a mão ou mesmo á distancia; em summa, sao muito mais eficazes para qualquer fim visto darem inteiro poder magnetico Rezultados garantidos por notabilidades

Preço de um, 33$000 rs. –Preço dos dois, 66$000 rs. Faz se pelo mesmo preço a remessa pelo correio, com todas as instrucções em portuguez

Os pedidos de fóra devem ser enviados com as importancias em vale postal ou carta de valor registrado a

LAWRENCE & C.
45-Rua da Assembléa-45
RIO DE JANEIRO

Enviae mil réis de sêlos dentro de carta e recebereis um Magazine completo

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 16 A 31